

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**EVOLUÇÃO DAS PAUTAS DE IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES E
DESEMPENHO REGIONAL NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DE 2000 A 2014**

Helena Rodrigues Fernandes de Moraes

Matrícula n^o: 112178292

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Isabel Busato

Rio de Janeiro

Agosto de 2017

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do(a) autor(a)

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, que me proporcionaram toda a base emocional e material essencial para que chegasse até aqui. Obrigada por toda confiança depositada em mim.

Agradeço também à minha orientadora, Maria Isabel Busato, que ao longo desse processo me ajudou para muito além da execução do trabalho em si. Obrigada pela orientação, pela compreensão e por todas as vezes que, ao final de uma reunião, me perguntou “mas e aí, como você está?”. Esse acolhimento foi muito importante para me manter caminhando até aqui.

Aos amigos queridos, que por tantas vezes ajudaram a me manter firme, calma e confiante de que tudo daria certo.

A Deus, que, em sua infinita sabedoria, me presenteou com tantas pessoas às quais ser grata, pois sabia que sozinha eu não chegaria até aqui.

Resumo

O presente trabalho pretendeu fazer um mapeamento da evolução das pautas exportadora e importadora de cada uma das regiões do Brasil, do ano 2000 até 2014, dividindo tais dados por seus “fatores agregados”, ou seja, produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados. Pode-se observar um aumento da participação de produtos básicos na pauta exportadora em todas as regiões, especialmente na região Norte. Além disso, houve aumento na pauta de importação de produtos manufaturados em todas as regiões no período observado, mostrando que, houve especialização regressiva no período. Além disso, buscou-se analisar se houve relação entre o crescimento econômico e a especialização produtiva dessas regiões. A ideia básica desse argumento é a de que, países especializados em *commodities* crescem mais rapidamente no ciclo expansivo, o que se verificou para as regiões com maior participação de *commodities* em suas pautas exportadoras.

ÍNDICE DE IMAGENS

Quadro 1	Evolução da pauta exportadora por fator agregado, período 2000 a 2014 (valores em US\$ Milhões).....	19
Quadro 2	Evolução da pauta importadora por fator agregado, período 2000 a 2014 (valores em US\$ Milhões).....	20
Quadro 3	Evolução da pauta exportadora por fator agregado, período 2000 a 2002 (valores em US\$ Milhões).....	21
Quadro 4	Evolução da pauta importadora por fator agregado, período 2000 a 2002 (valores em US\$ Milhões).....	24
Quadro 5	Evolução da pauta exportadora por fator agregado, período 2003 a 2011 (valores em US\$ Milhões).....	27
Quadro 6	Evolução da pauta importadora por fator agregado, período 2003 a 2011 (valores em US\$ Milhões).....	29
Quadro 7	Índice de Atividade Econômica Regional, período 2003 a 2011.....	31
Quadro 8	Evolução da pauta exportadora por fator agregado, período 2012 a 2014 (valores em US\$ Milhões).....	32
Quadro 9	Evolução da pauta importadora por fator agregado, período 2012 a 2014 (valores em US\$ Milhões).....	35
Quadro10	Índice de Atividade Econômica Regional de 2012 a 2014.....	37
Quadro11	Evolução da participação dos produtos básicos na pauta exportadora regional (valores em US\$ Milhões).....	41

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Participação dos fatores agregados na pauta exportadora - Brasil, Dados Trimestrais, 1995-2014.....	17
Gráfico 02	Participação dos bens básicos nas exportações totais de 2000 a 2002	22
Gráfico 03	Participação dos bens manufaturados nas exportações totais de 2000 a 2002.....	22
Gráfico 04	Índice de preços dos produtos básicos exportados, período 2000 a 2002. .	23
Gráfico 05	Índice de preços dos produtos manufaturados exportados, período 2000 a 2002.....	23
Gráfico 06	Índice de preços dos produtos semimanufaturados exportados, período 2000 a 2002	23
Gráfico 07	Índice de preços dos produtos importados, período 2000 a 2002	25
Gráfico 08	Participação dos bens básicos nas exportações totais de 2003 a 2011	26
Gráfico 09	Participação dos bens manufaturados nas exportações totais de 2003 a 2011	26
Gráfico 10	Índice de preços dos produtos básicos exportados, período 2003 a 2011 ..	28
Gráfico 11	Índice de preços dos produtos manufaturados exportados, período 2003 a 2011	28
Gráfico 12	Índice de preços dos produtos semimanufaturados exportados, período 2003 a 2011	28
Gráfico 13	Índice de preços dos produtos importados, período 2003 a 2011	30
Gráfico 14	Participação dos bens básicos nas exportações totais de 2012 a 2014	33
Gráfico 15	Participação dos bens manufaturados nas exportações totais de 2012 a 2014	33
Gráfico 16	Índice de preços dos produtos básicos exportados, período 2012 a 2014 ..	34
Gráfico 17	Índice de preços dos produtos manufaturados exportados, período 2012 a 2014.....	34
Gráfico 18	Índice de preços dos produtos semimanufaturados exportados, período 2012 a 2014	34
Gráfico 19	Índice de preços dos produtos importados, período 2012 a 2014	35
Gráfico 20	Participação percentual de produtos básicos na pauta exportadora.....	42

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	Série encadeada do volume do PIB regional de 2000 a 2002	25
Tabela 2	Série encadeada do volume do PIB regional de 2003 a 2011	30
Tabela 3	Série encadeada do volume do PIB regional de 2012 a 2014	36
Tabela 4	Participação do valor das exportações no PIB regional, 2003 a 2011.....	38
Tabela 5	Participação do valor das importações no PIB regional, 2003 a 2011.....	39

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo I – Revisão de literatura	11
Capítulo II- Evolução da pauta exportadora e importadora por fator agregado: Uma análise descritiva	17
Apresentação e análise do subperíodo: 2000 a 2002	21
Apresentação e análise do subperíodo: 2003 a 2011	26
Apresentação e análise do subperíodo: 2012 a 2014	31
Capítulo III– Especialização produtiva e crescimento regional nos anos 2000 – Uma análise	38
Conclusão	45
Referências Bibliográficas	47

INTRODUÇÃO

O estudo da trajetória de crescimento econômico baseado na demanda tem como principais referências as contribuições de Keynes e de Kalecki. Keynes rejeitou a ideia de que a economia possuiria um mecanismo natural de ajustamento, com plena utilização dos fatores de produção. Por outro lado, afirmava que a oferta (e, portanto a determinação do nível de emprego e renda) responderia à demanda esperada (Princípio da Demanda Efetiva). Kalecki buscou explicar a dinâmica capitalista sob situação de estabilidade estrutural e mostrou que a economia apresenta flutuações cíclicas, geradas essencialmente pelo efeito dual do investimento. Quando se trata de economias abertas, os modelos que adotam o Princípio da Demanda Efetiva enfatizam a importância das exportações líquidas. O trabalho de Thirlwall (2005) destaca que a exportação é o único componente verdadeiramente autônomo da demanda, uma vez que os demais dependem da renda interna, além de ser aquele que possibilita o equilíbrio do balanço de pagamentos, dada a crescente demanda por produtos importados. Thirlwall destaca ainda a importância da especialização produtiva para a compreensão do crescimento econômico, pois, como enunciado por Kaldor (1988), o setor manufatureiro é o grande “motor” da economia. Além de ser o setor de maior produtividade, com a possibilidade de exploração de ganhos de escala, a produção manufatureira reduz a exposição da economia a choques externos. Como destacado pelos pensadores da CEPAL, os países que se especializam na exportação de bens de baixo valor agregado e na importação de bens de alto valor agregado, tendem a possuir desequilíbrios em seu balanço de pagamentos, o que restringe o crescimento, por conta da vulnerabilidade externa.

Desta forma, para compreender o crescimento econômico brasileiro é importante analisar as pautas de exportação e importação, observando o tipo de especialização produtiva existente. Neste trabalho buscamos desagregar regionalmente essa análise, para melhor compreender o processo de especialização produtiva e de crescimento ocorrido no Brasil nos últimos anos. O objetivo geral do trabalho é fazer um mapeamento da evolução das pautas, por fator agregado, de exportação e de importação das diferentes regiões do Brasil no período de 2000 a 2014 e relacionar a especialização regional com suas respectivas taxas de crescimento.

Mais especificamente, pretende-se:

- i) Utilizar dados trimestrais para mapear a evolução da pauta importadora e exportadora regionais brasileiras, divididas em produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados por subperíodos (2000-2002; 2003-2011 2012-2014). Tal divisão foi feita para dar destaque ao período de *boom* no preço dos bens básicos (o segundo subperíodo deste trabalho).
- ii) Buscar algum indicador que permita distinguir as referidas pautas, entre efeito preço e efeito quantum.
- iii) Verificar, utilizando estatística descritiva, se há relação entre mudança da pauta em direção a manufaturados (e/ou a básicos) e diferenças nas taxas de crescimento regionais experimentadas nos subperíodos analisados.

Assim, além de fazermos um mapeamento da evolução das pautas de exportação e de importações regionais, pretende-se avaliar descritivamente se há relação entre crescimento econômico e especialização produtiva experimentada por essas regiões.

O trabalho está dividido em quatro seções além desta, da seguinte forma: na primeira seção é apresentada uma revisão não exaustiva da base teórica, a segunda seção é expositiva dos dados, na terceira buscou-se relacionar tais dados e, finalmente, a conclusão.

CAPITULO I

O presente capítulo tem por objetivo fazer uma revisão não exaustiva da literatura de crescimento econômico liderado pela demanda (demand-led-growth). Para tanto, abordaremos as contribuições de Keynes, Kalecki, Kaldor e de Thirlwall, passando pela CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe). Será dado destaque ao papel que as condições externas impõem (ou não) ao crescimento, conforme trabalho de Thirlwall (1979) e à relevância da estrutura produtiva, expressas nas pautas de importação e exportação para o crescimento de um país.

Neste trabalho, o crescimento é pensado a partir da validade do Princípio da Demanda Efetiva (PDE), cujos principais precursores são os estudos de Keynes e de Kalecki, aplicado a uma economia aberta, cujas contribuições iniciais foram desenvolvidas por Kaldor e por Thirlwall. Keynes rejeitou a ideia de que as forças dos mercados levam a economia a convergir para uma situação de equilíbrio com pleno emprego dos fatores de produção. Em oposição, afirmou que as economias capitalistas estão sujeitas mudanças contínuas, cujo estado normal é que operem com capacidade ociosa dos fatores de produção, especialmente do fator trabalho. Sob a validade do PDE, entende-se que em economias capitalistas as decisões são tomadas sob incertezas e a oferta responde à demanda esperada, de modo que, se a produção necessária para atender a demanda esperada não utilizar plenamente os fatores de produção, a economia operará abaixo do pleno emprego sem mecanismos endógenos de condução àquele.

As decisões de investimento estão especialmente sujeitas às incertezas já que o período de realização desse tipo de ativo é mais longo, logo, as decisões são tomadas com base em expectativas futuras que podem ou não se realizar, e uma vez tomadas não podem ser revertidas sem prejuízos. É, portanto, o investimento induzido o fator mais relevante para explicar amplas flutuações nesse tipo de modelo. Por outro lado, como o investimento é parcialmente induzido pela expectativa de demanda, o crescimento dos gastos autônomos (gastos públicos, consumo autônomo, exportações líquidas e investimento autônomo) são fundamentais para sustentarem o crescimento da demanda, e, portanto, do investimento privado que busca ajustar o grau de utilização ao grau desejado.

As flutuações econômicas são causadas, em última instância, pelas variações na demanda efetiva, por um lado pelo efeito dual do investimento e, por outro lado, devido à choques nos gastos autônomos. O Princípio da Demanda Efetiva evidencia, então, que a

disponibilidade de fatores de produção não é condição suficiente para que se realize o processo produtivo, já que este está condicionado ao nível de gastos dos agentes econômicos (formador das expectativas dos produtores). Ou seja, ainda que a capacidade produtiva possa ditar um teto de curto prazo, ele é condição apenas necessária. Sua utilização depende essencialmente das expectativas de demanda e de vender a produção adicional com lucro.

O volume de emprego (e por consequência o da produção e da renda real) é fixado pelo empresário sob o motivo de procurar maximizar seus lucros presentes e futuros [...] e o volume de emprego que lhe proporcionará este máximo de lucros depende da função da demanda agregada determinada pelas suas previsões de vendas que, nas diferentes hipóteses, devem resultar, respectivamente, do consumo e do investimento. (Keynes, 1982 [1936], p.74)

As contribuições de Kalecki (1954) objetivavam explicar a dinâmica capitalista em uma situação de estabilidade estrutural (tecnologia, padrões concorrenciais e de consumo, distribuição de renda e política econômica). Ele concluiu que na ausência de mudanças estruturais, a economia capitalista apresenta flutuações cíclicas regulares ou semi-regulares, determinadas essencialmente pelo efeito dual do investimento. Ele focou seus estudos no período de mercado (ex post), destacando a essência do PDE: “na constatação de que nas transações mercantis a única decisão autônoma é a de gastar” (Possas, 2001, p. 101). Tanto no modelo de Kalecki como no de Keynes, o estudo do investimento é essencial para a compreensão da dinâmica capitalista. O investimento é potencialmente mais instável e mais autônomo, em comparação ao consumo, além de seu comportamento dual (Possas, 2001): durante o processo de investimento este apresenta efeito positivo sobre o nível de atividade – efeito demanda –, mas uma vez concluído, se torna uma adição ao estoque de capital, que afeta negativamente as novas decisões de investir, denotando uma aversão dos capitalistas em operar com capacidade ociosa. Esse movimento é chamado de “princípio do ajustamento do estoque de capital” e produz uma dinâmica cíclica (regular ou semi-regular) endógena ao funcionamento do sistema. Sendo assim, o investimento é importante elemento para explicar os ciclos econômicos. A tendência a longo prazo depende essencialmente, assim como no modelo de Keynes, do crescimento dos componentes autônomos da demanda agregada, quais sejam, consumo autônomo, gastos públicos e exportações líquidas. Esses são gastos que não ampliam diretamente a capacidade produtiva do setor privado, afetando o grau de utilização da capacidade produtiva daquele e, conseqüentemente, o investimento induzido. O crescimento dos gastos autônomos gera, portanto, tendência nas trajetórias de crescimento das economias capitalistas.

Modelos que adotam o PDE em economias abertas ressaltam a importância do crescimento das exportações líquidas, visto que além de fonte de demanda, são importante fonte de divisas que viabilizam o crescimento das importações. Além disso, tais modelos, eventualmente ressaltam a importância da composição da pauta importadora e exportadora, visto que há diferentes efeitos encadeamento na economia a depender da especialização produtiva.

Uma das principais referências para estudar a aplicação desse princípio para economias abertas é o trabalho de Thirlwall (2005), autor que buscou explicar as diferenças nas trajetórias de crescimento em diferentes economias a partir das restrições que tais economias enfrentam (ou não) em seus balanços de pagamentos.

Na maioria dos países, as restrições de demanda incidem muito antes de as restrições de oferta entrarem em ação [...] e para compreender taxas de crescimento diferenciadas entre os países, a longo prazo, não é possível ignorar a análise e a compreensão das restrições da demanda. (Thirlwall, 2005, p. 61)

Thirlwall destaca que os dados históricos apontam, em diversos países, para uma relação entre nível de renda per capita e grau de industrialização, bem como entre o PIB e a indústria manufatureira, apontando para a relevância da especialização produtiva para a compreensão da dinâmica econômica.

Os países recém industrializados, cuja participação da indústria no PIB aumenta com mais velocidade, tendem a ser os que têm maior crescimento. Ou seja, há evidências de que a demanda por produtos manufaturados estimule o crescimento da economia, o que nos leva a adotar um modelo demand-led- growth, ressaltando os efeitos dinâmicos da pauta produtiva e exportadora sobre as taxas de crescimento. Essa ideia pode ser explicada através da visão de Kaldor (1988), resumida aqui através das Leis de Kaldor: a primeira lei afirma que existe forte relação entre o crescimento da produção manufatureira e o crescimento do PIB, o que demonstra a capacidade da indústria de promover o crescimento da economia; a segunda é que quanto maior for a produção do setor manufatureiro, maior será a produtividade desse setor, como resultado de ganhos dinâmicos e estáticos de escala (Lei de Kaldor-Verdoorn); e a terceira lei afirma que existe também forte relação positiva entre a velocidade de expansão do setor manufatureiro e o aumento da produtividade fora desse setor, explicada pela produtividade média baixa e produtividade marginal decrescente em setores como a agricultura (que passa a ser um setor de alta produtividade com a mecanização). Denomina-se coeficiente de Verdoorn a sensibilidade da produtividade com relação ao crescimento do

produto, cujo efeito é a característica circular da economia. O valor desse coeficiente é afetado pela composição industrial da economia, de modo que economias mais intensivas em tecnologia se beneficiam de um maior ganho de produtividade.

Já que é o setor manufatureiro o grande motor da economia, cabe então questionar o que determina o crescimento desse setor. Segundo Kaldor, nos estágios iniciais do desenvolvimento seria a demanda proveniente da agricultura que iria alavancar a indústria e, em estágios mais avançados, as exportações. Sendo assim, é de grande importância o estímulo à produtividade agrícola nos estágios iniciais, gerando um mercado crescente para os manufaturados. Já as economias mais desenvolvidas se beneficiam de um ciclo virtuoso no qual as exportações geram um maior crescimento, que por sua vez promove um aumento nas exportações, já que há ganhos de escala cada vez maiores. As exportações estariam, segundo Kaldor, sujeitas a fatores exógenos, como a renda externa, e fatores endógenos, como salário nominal e produtividade do setor.

A demanda agregada é a soma do consumo – autônomo e induzido –, investimento (privado, público e imobiliário), gastos públicos correntes e das exportações líquidas. Thirlwall (2005) afirma que as exportações são o componente mais relevante da demanda, quando se trata de economias abertas, apontando três aspectos que a diferenciam dos demais: i) é o único componente verdadeiramente autônomo¹, uma vez que os outros estão condicionados à renda interna e, portanto, é o componente que dita a tendência ii) é o único componente que pode garantir o equilíbrio no balanço de pagamentos, dada a necessidade crescente de importações a medida em que cresce a economia (percebe-se o duplo papel das exportações na demanda: direta e indireta, na medida em que permite o crescimento dos demais componentes) iii) as importações podem ser mais produtivas que os recursos internos e essas são permitidas pelas exportações.

Thirlwall afirma ainda que em economias abertas o principal limitador ao crescimento da demanda tende a ser as restrições impostas pelo setor externo e então descreve o modelo de crescimento limitado pelo balanço de pagamentos. O problema de escassez de divisas se torna uma questão central para países cuja moeda não é conversível. Ele busca mostrar que, em uma economia aberta, a demanda é limitada principalmente pelo balanço de pagamentos, já que o financiamento de sucessivos e crescentes déficits no BP não é sustentável, devido ao acúmulo de passivo externo e às possíveis reações dos agentes diante de tal acúmulo. O modelo parte, então, de uma situação de equilíbrio, estabelecendo a igualdade entre exportações (somadas às

¹ Vale notar que o gasto público poderia ser citado como um componente autônomo da demanda, porém nesta análise Thirlwall não aborda este aspecto.

entradas de capital medidas em moeda nacional) e importações (já considerando a conversão pela taxa de câmbio). Considera-se que o crescimento das exportações é função dos preços domésticos, da renda de fora do país e dos preços externos (ajustados pela taxa de câmbio); e que o crescimento das importações é função dos preços externos (convertidos pela taxa de câmbio), da renda nacional dos preços domésticos. Em todos os casos as variáveis de preço são ponderadas por coeficientes de elasticidade-preço e as variáveis de renda por coeficientes de elasticidade-renda. Ao submeter essas taxas de crescimento das exportações e importações à condição inicial de equilíbrio no balanço de pagamentos, Thirlwall conclui que a taxa de crescimento da economia compatível com o equilíbrio no balanço de pagamentos está condicionada ao efeito dos termos de troca, ao volume das alterações dos preços relativos, ao crescimento exógeno da renda exterior e ao crescimento das entradas reais de capital, que financiam o crescimento além daquele estritamente compatível com a igualdade entre exportações e importações.

O modelo evidencia diversas proposições econômicas, como descrito por Thirlwall (2005):

1) A melhoria nos termos reais de troca melhora a taxa de crescimento do país de modo compatível com o equilíbrio do balanço de pagamentos.

2) A alta mais rápida dos preços de um país que dos de outros, medida em moeda comum, reduz a taxa de crescimento compatível com o balanço de pagamentos desse país, quando a soma das elasticidades-preço (negativas) é maior que um.

3) A desvalorização da moeda eleva a taxa de crescimento compatível com o equilíbrio do balanço de pagamentos quando a soma das elasticidades-preço é maior que um. Importante notar que a desvalorização cambial não pode colocar o país em uma via de crescimento permanentemente maior e compatível com o equilíbrio do balanço de pagamentos.

4) A equação mostra a interdependência dos países porque o desempenho de um país em termos de crescimento está ligado ao de todos os outros.

5) A taxa de crescimento compatível com o equilíbrio do balanço de pagamentos tem relação inversa com seu apetite de importações.

Aplicando ao caso latino-americano, a discussão acerca da restrição externa e da especialização produtiva se deu na CEPAL no final dos anos 40 quando se buscou analisar o desequilíbrio estrutural do balanço de pagamentos e seus efeitos perversos, estudando os países periféricos, destacando os efeitos restritivos ao crescimento, decorrentes da

vulnerabilidade externa, fruto do tipo de inserção externa desses países e de sua posição na divisão internacional do trabalho. A mensagem que era passada pelos pensadores Cepalianos era a da necessidade de realizar políticas de industrialização como forma de superar o subdesenvolvimento e a pobreza, pois se compreendia que a especialização produtiva, refletida nas pautas do comércio internacional, são relevantes para compreender a dinâmica interna.

Para Prebisch, a restrição de divisas – decorrente da especialização exportadora de produtos com baixa elasticidade-renda e da importação de produtos de alta elasticidade-renda – impedia o avanço pleno da industrialização e do crescimento da região, já que o ajustamento da capacidade de importar gerada pelas exportações só poderia ser alcançado por meio da redução do crescimento econômico.

De maneira similar, Thirlwall (2005) ressalta que as diferenças de elasticidades-renda da demanda por importações e exportações entre países refletem a estrutura produtiva da economia e acabam ditando não só o tipo de inserção internacional, mas o tipo de restrição que se enfrentará.

Existem muitos trabalhos que abordam a problemática das condições externas brasileira sob a ótica macroeconômica², no entanto, poucos deles dão ênfase às mudanças regionais ocorridas no período recente. Obviamente que as mudanças regionais estão refletidas nos dados agregados, conforme se pode verificar em Oliveira (2017), mas torna-se relevante compreender quais regiões lideraram o processo de mudança na estrutura produtiva ocorrida no Brasil no período recente. Conforme enunciado por Thirlwall, é possível fazer uma análise regional das condições externas e esse será o objetivo desse trabalho: “As leis de crescimento de Kaldor podem ser testadas entre países diferentes, entre diferentes regiões de um mesmo país e entre regiões e países” (Thirlwall 2005, p. 44).

Sabe-se que a restrição externa ao crescimento, materializada normalmente através da escassez de divisas é um fenômeno macroeconômico e não regional. No entanto, as mudanças na estrutura produtiva, que são fenômenos mais micro, possivelmente se refletirão em diferentes taxas de crescimento regionais. A evolução da pauta de importação das distintas regiões brasileiras será apresentada no próximo capítulo, utilizando o critério “fatores agregados”, através dos quais se divide as pautas entre produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados. Além disso, se buscará fazer uma apresentação sobre a evolução dos preços e do crescimento do PIB regional.

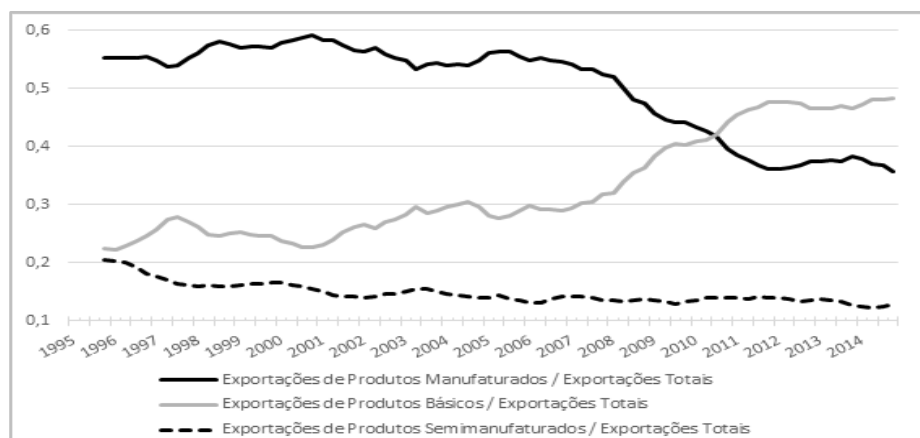
²Para uma boa revisão dos indicadores conjunturais e estruturais das condições externas brasileiras no período recente, ver Oliveira (2017)

CAPÍTULO II

O objetivo deste capítulo é descrever a evolução dos indicadores trimestrais da balança comercial (exportação e importação) de cada uma das cinco regiões do Brasil, apresentadas por “fatores agregados”: quando se divide as pautas entre produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados; bem como a evolução dos preços desses produtos e o crescimento regional, desde 2000 até 2014. A elaboração dos dados das pautas exportadora e importadora apresentados está baseada em informações da Secretaria de Comércio Exterior, Órgão do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Desta fonte, foram utilizados dados anuais das cinco regiões estudadas, especificados pelos fatores agregados, além de dados regionais trimestrais dos três fatores já somados. Para obter uma boa aproximação dos dados com a especificidade desejada (dados regionais, trimestrais e por fator agregado), foi calculada a razão entre o valor de cada trimestre em seu respectivo ano, e em seguida essa proporção foi usada para desagregar trimestralmente cada um dos fatores agregados.

É sabido que o Brasil experimentou uma mudança na pauta exportadora na última década, refletida naquilo que se convencionou chamar de regressão da pauta exportadora em direção a produtos básicos. O gráfico 1 abaixo mostra a evolução da pauta para o período que abrange 1995 a 2014.

Gráfico 01 –Participação dos Fatores Agregados na pauta exportadora – Brasil, Dados Trimestrais, 1995-2014



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MDIC. Média Móvel de 4 trimestres.

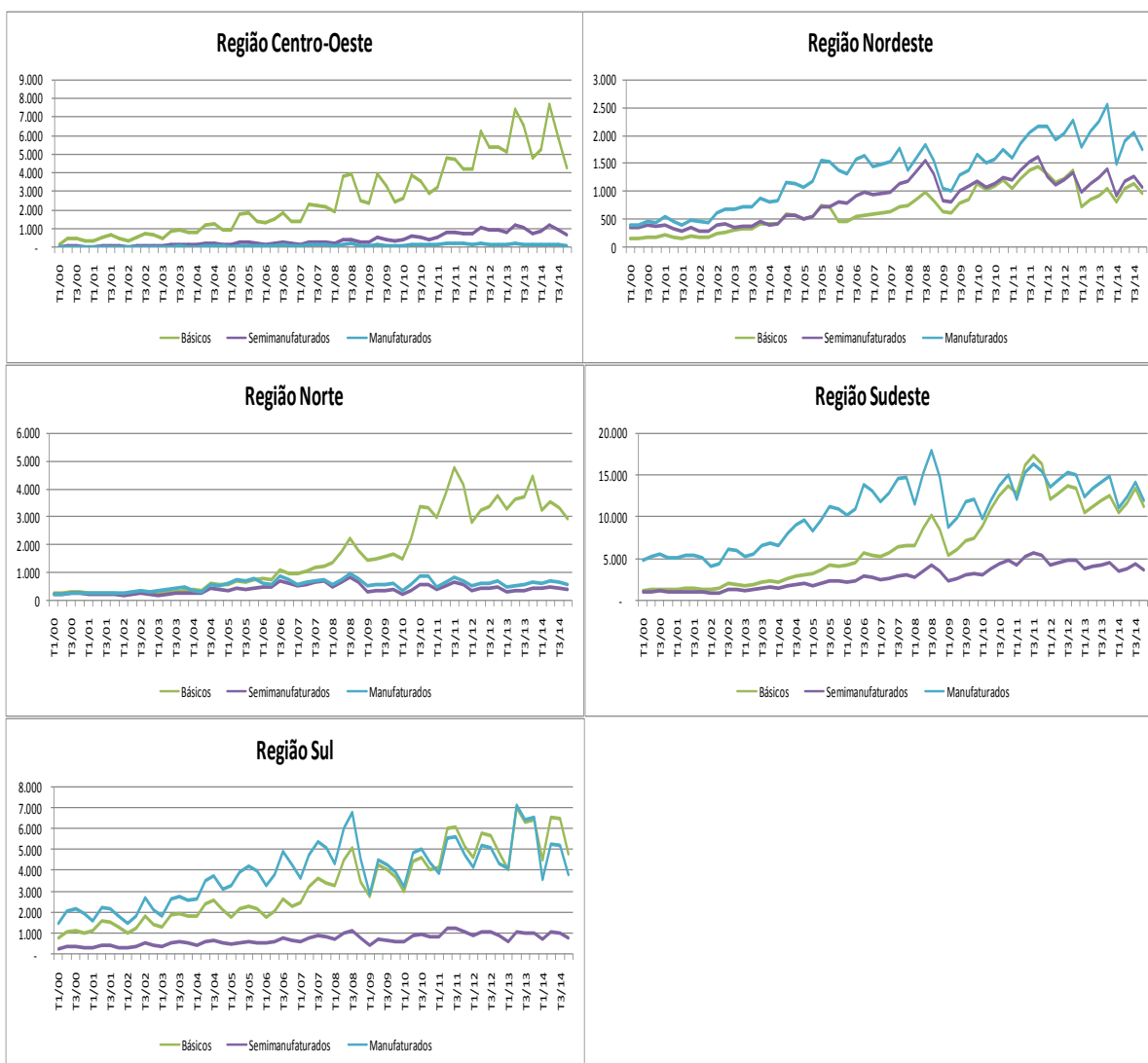
A abordagem agregada para economia como um todo, apesar de útil, não permite analisar as transformações regionais ocorridas. Com o intuito de contribuir para o melhor

entendimento das mudanças ocorridas na economia brasileira, optou-se por fazer uma análise desagregando as pautas por regiões geográficas.

No quadro 1a seguir está representada a evolução da pauta exportadora de cada uma das regiões do Brasil, para todo o período estudado, 2000 a 2014. Os dados são trimestrais e os valores estão em milhões de dólares. Observa-se que a região Centro-Oeste apresenta destaque para a participação de produtos básicos no valor total exportado durante todo o período, com uma média de 83% das exportações totais. Destaca-se a evolução da região Norte, que tem crescente reprimarização³ da pauta exportadora ao longo dos anos; no ano 2000 a exportação de produtos básicos dessa região representava 34% do total, passando para 74% em 2014. Com menos intensidade, as regiões Sudeste, Sul e Nordeste também experimentaram crescimento na participação de básicos em relação às demais categorias. No início do período tal participação era de 16%, 30% e 18%, respectivamente; ao final do período observou-se um aumento de 24, 21 e 7 pontos percentuais.

³ Tratando como reprimarização o aumento da participação relativa ou absoluta de produtos básicos em relação à manufaturados na pauta exportadora.

Quadro 1: Evolução da pauta exportadora regional por fator agregado, período 2000 a 2014 (valores em US\$ Milhões)

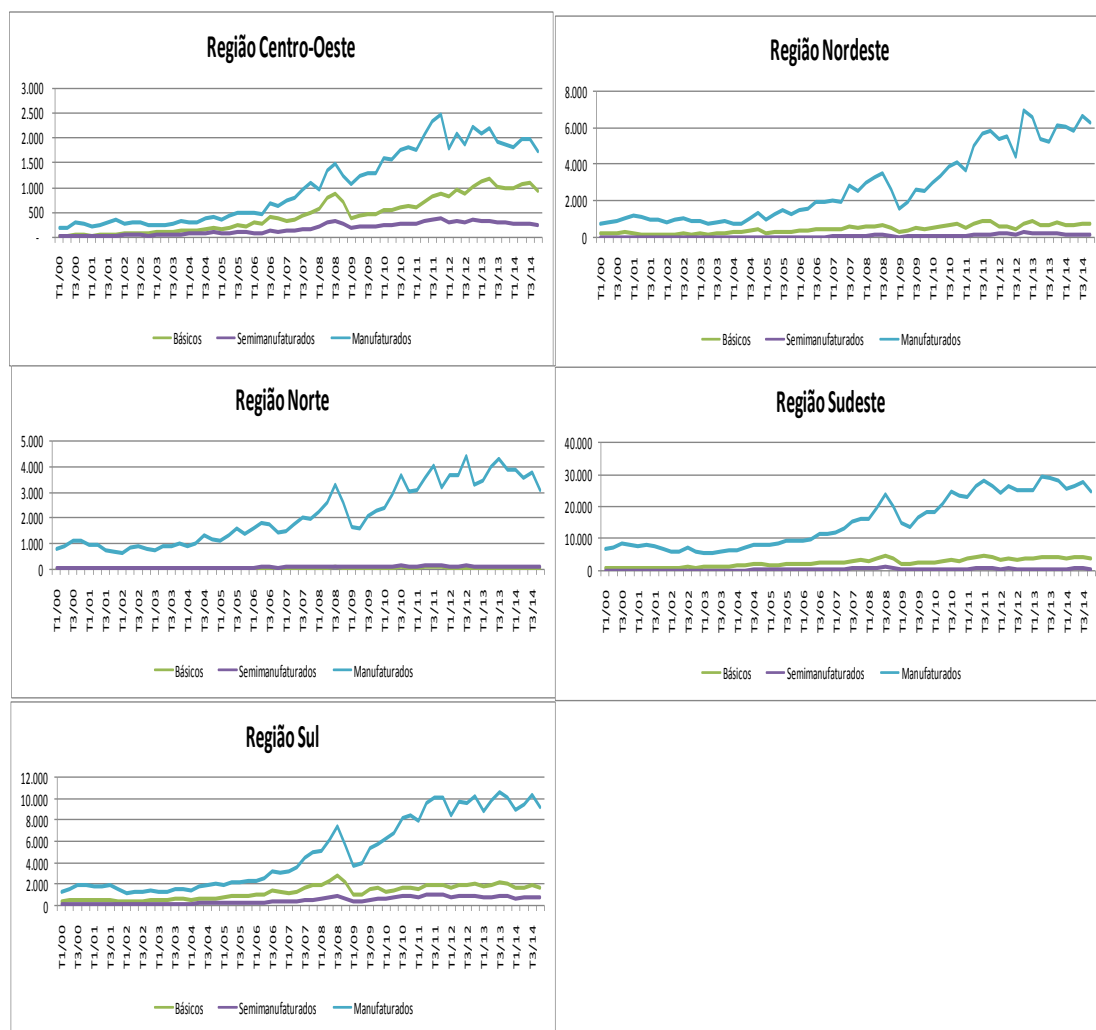


Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

A evolução da pauta importadora é apresentada abaixo. Aqui se destaca a participação dos produtos manufaturados como principal item das pautas regionais de importação, com especial destaque para a região Norte. Ao longo do período a região Centro-Oeste reduziu a participação de manufaturados sobre a importação total em 21 pontos percentuais, passando de 80% em 2000 para 59%. Nota-se no gráfico que a elevação da importação de manufaturados nessa região foi acompanhada da elevação dos demais fatores também. A região Sudeste apresentou ligeira redução nesse índice, passando de 86% para 84%. A região Norte manteve o índice estável em um nível bastante alto, em 95% e as regiões Nordeste e Sul

aumentaram sua participação de manufaturas na importação em 13 e 8 pontos percentuais, respectivamente, durante o período analisado.

Quadro 2: Evolução da pauta importadora por fator agregado, período 2000 a 2014 (valores em US\$ Milhões)



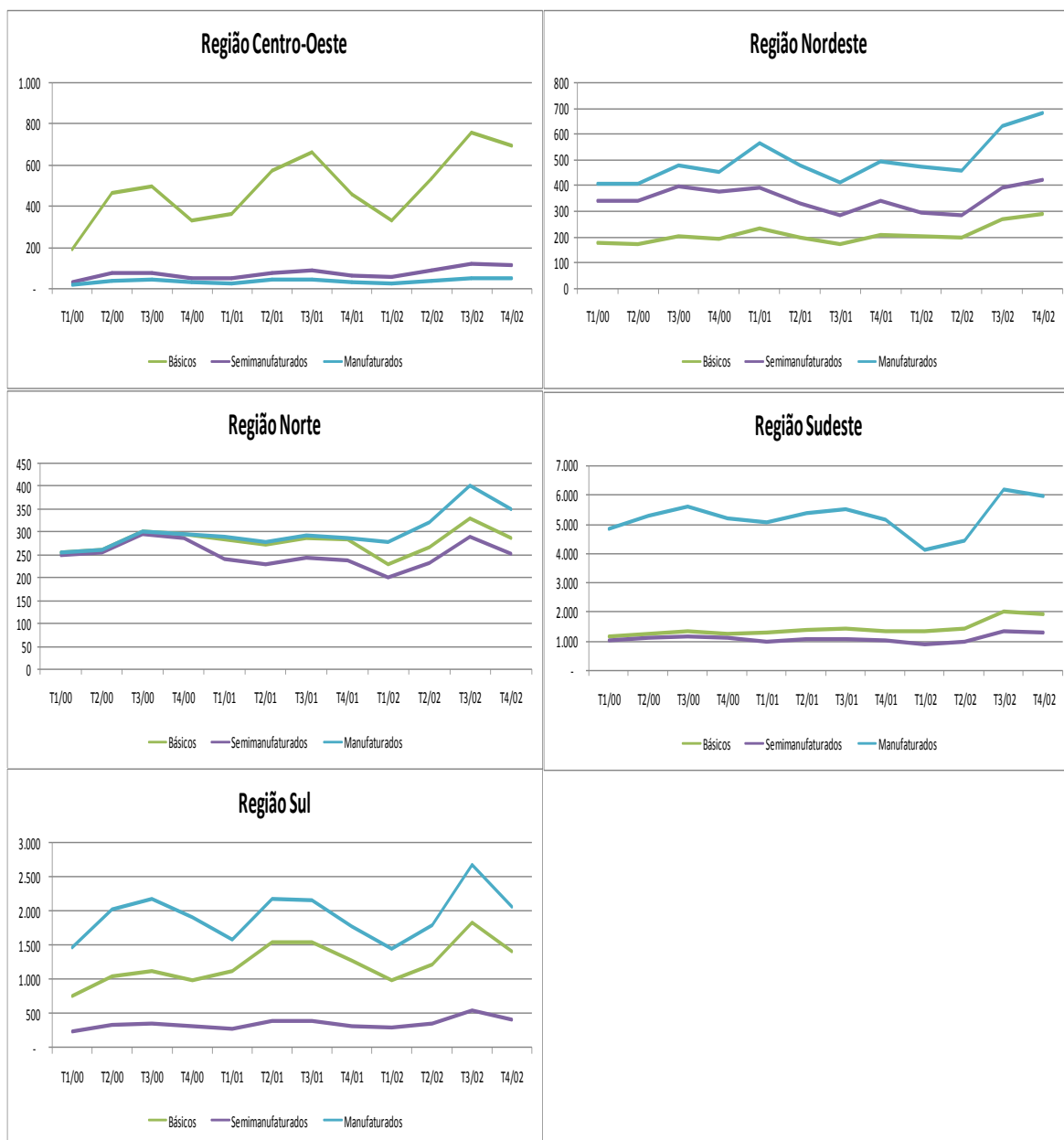
Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

Nas seções a seguir dividiremos o período de análise em três subperíodos: o primeiro deles que engloba o período entre 2000 a 2002, seguido pelo período 2003 a 2010 e finalizando com o conjunto de dados para os anos de 2011 a 2014. Tal divisão pretende facilitar a observação dos movimentos ocorridos intra-períodos, particularmente o movimento nos preços dos produtos básicos, que tiveram um *boom* entre os anos 2003 e 2011 e como esse processo afetou os dados a serem analisados.

- **Apresentação e análise do subperíodo: 2000 a 2002**

Os gráficos abaixo apresentam os dados da evolução da exportação, desde o primeiro trimestre de 2000 até o quarto trimestre de 2002 (valores em milhões de dólares). A região Centro-Oeste foi a que, claramente, apresentou a maior participação de bens básicos em sua pauta exportadora. Nesses três anos, os produtos básicos representaram, em média, 82% das exportações dessa região, sendo seguida pelas regiões Norte e Sul, ambas com uma participação bastante inferior, de 34%.

Quadro 3: Evolução da pauta exportadora por fator agregado, período 2000 a 2002 (valores em US\$ Milhões)



Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

As regiões Nordeste e Sudeste registraram participação média de básicos de 19% e 18%, respectivamente. Já a participação de produtos manufaturados na pauta exportadora é liderada pela região Sudeste, com uma média de 66% de participação no período, seguida pela região Sul com 55%, região Nordeste com 46% e Norte com 36%. A região Centro-Oeste se destaca como a que menos exporta manufaturados, apenas 6% do valor total exportado. Note-se também que a evolução das exportações de básicos segue um movimento cíclico que tem clara relação com as safras que ocorrem especialmente nos primeiros trimestres de cada ano.

Gráfico 02: Participação dos bens básicos nas exportações totais de 2000 a 2002

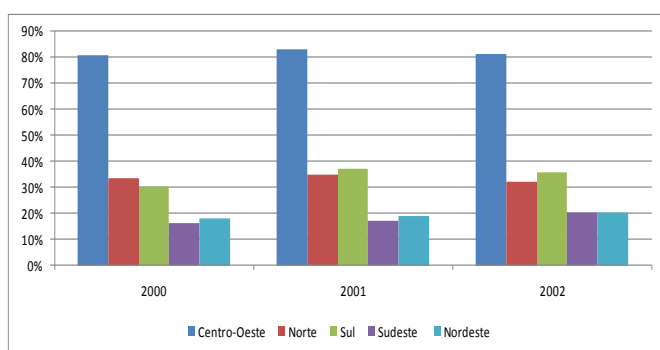


Gráfico: Elaboração própria, dados MDIC

Gráfico 03: Participação dos bens manufaturados nas exportações totais de 2000 a 2002

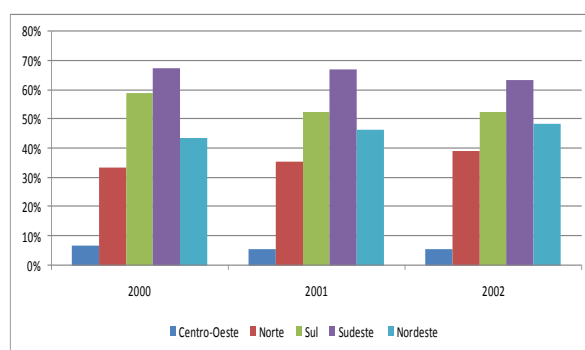


Gráfico: Elaboração própria, dados MDIC

No período considerado, os índices de preços da exportação dos três fatores agregados sofreram uma queda. Esse índice é calculado pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX) mensalmente e aqui foi agregado trimestralmente através de média aritmética. Na metodologia da FUNCEX, os valores são analisados em dólares e o índice é calculado segundo método de Fisher. A média dos preços do ano de 2006 foi usada como base (média do índice de preços do ano 2006 = 100) e, então, os demais períodos expressariam a variação percentual dos preços em relação a esse ano. Neste trabalho foi feita uma mudança de base, a fim de expressar a variação em relação aos preços do primeiro trimestre do ano 2000. Para isso, foi feito um cálculo simples de conversão. Sendo assim, o ano 2000 é a referência a partir da qual as variações percentuais nos preços são observadas.

Gráfico 04: Índice de preços dos produtos básicos exportados, período 2000 a 2002

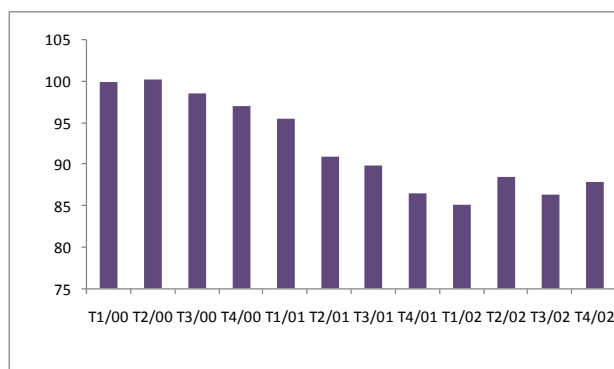


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Gráfico 05: Índice de preços dos produtos manufaturados exportados, período 2000 a 2002

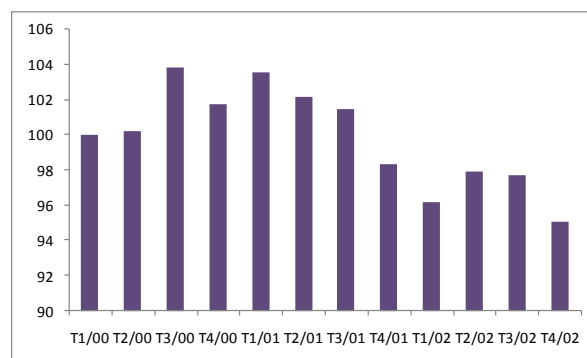


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Gráfico 06: Índice de preços dos produtos semimanufaturados exportados, período 2000 a 2002

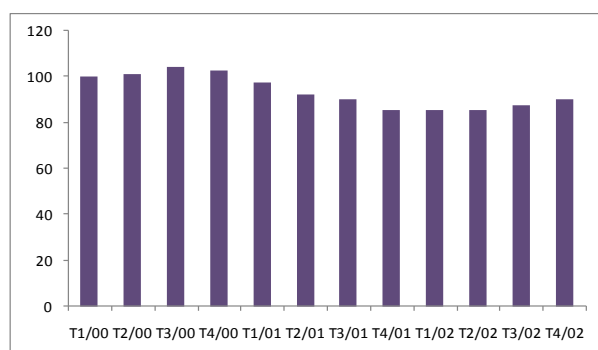


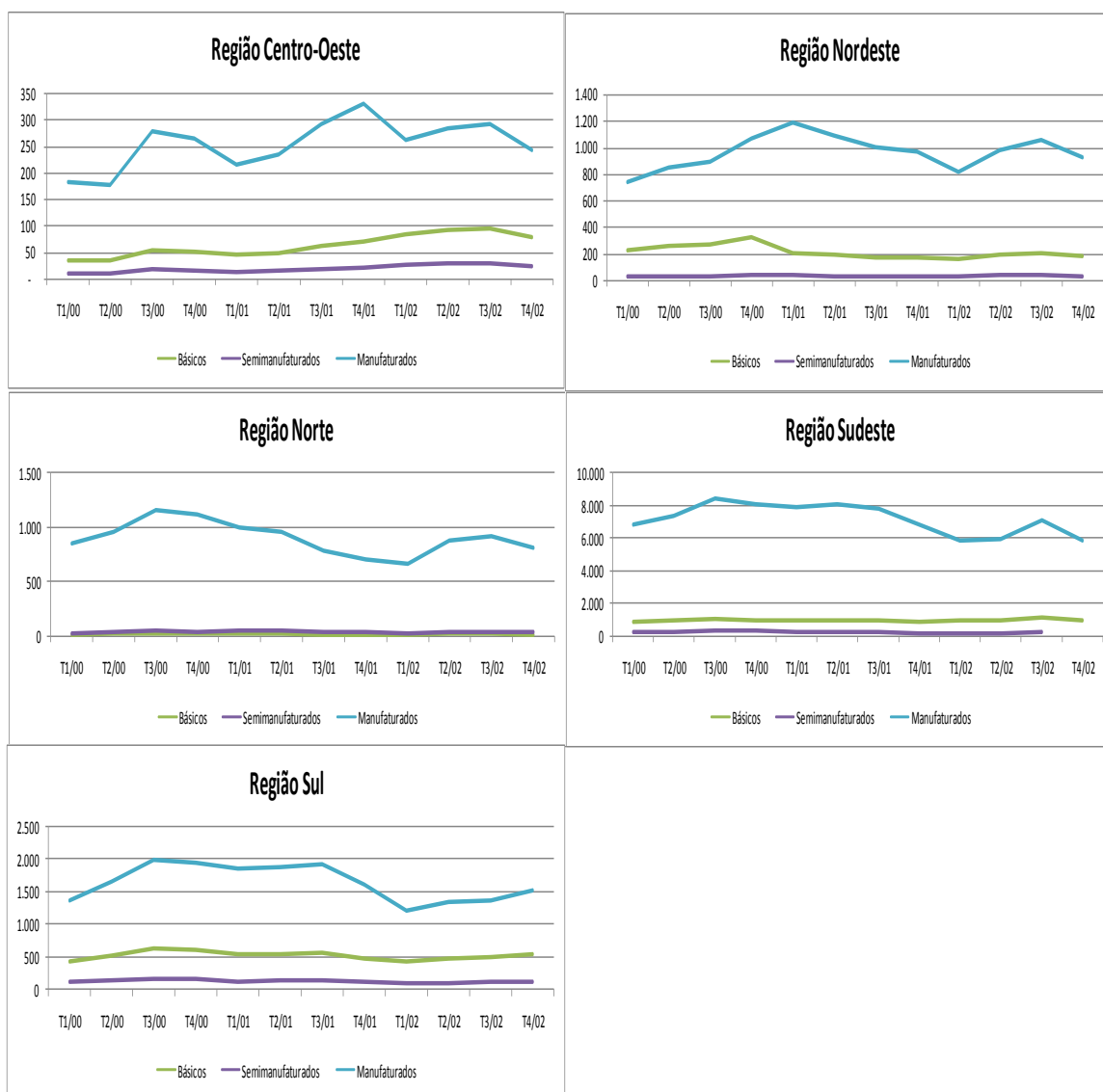
Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Nos gráficos acima o primeiro trimestre de 2000 é a base, valor 100. Observa-se que no último trimestre de 2002 o valor do índice de preços da exportação de produtos básicos era 87,9; dos produtos semimanufaturados era 90,4 e dos produtos manufaturados 95,1. Portanto, o crescimento observado nos gráficos anteriores no valor das exportações, representa uma elevação na quantidade exportada (efeito *quantum*), e não uma alteração de preços, já que a queda no índice de preços contribui, a princípio, para uma queda no valor das exportações.

No primeiro trimestre de 2002 houve, em todas as regiões, queda no valor exportado, no mesmo período de forte redução nos índices de preços de exportação dos três tipos de produtos considerados (especialmente básicos e manufaturados), com posterior recuperação tanto dos preços, quanto dos valores exportados. Os gráficos que seguem representam as importações por fator agregado de cada região no período considerado. A grande participação das manufaturas (produtos de elevada elasticidade-renda das importações) nas importações brasileiras fica evidente para todas as regiões. A região Norte apresenta no período

considerado 94% de participação de manufaturados em relação às importações totais, a região Sudeste apresenta 85%, 80% é o índice para a região Nordeste, 76% para a região Centro-Oeste e, por fim, 72% para a região Sul. Além disso, também se observa uma queda no valor das importações no primeiro trimestre de 2002, com posterior recuperação, movimento semelhante ao visto nas exportações.

Quadro 4: Evolução da pauta importadora por fator agregado, período 2000 a 2002 (valores em US\$ Milhões)



Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

No que se refere ao índice geral de preços dos produtos importados, a mesma queda acentuada é observada nesse trimestre, além da tendência de redução ao longo do período. No primeiro trimestre de 2002 o índice chegou a 90,4 e terminou o período em 96,6, conforme gráfico 7.

Gráfico 07: Índice de preços dos produtos importados, período 2000 a 2002

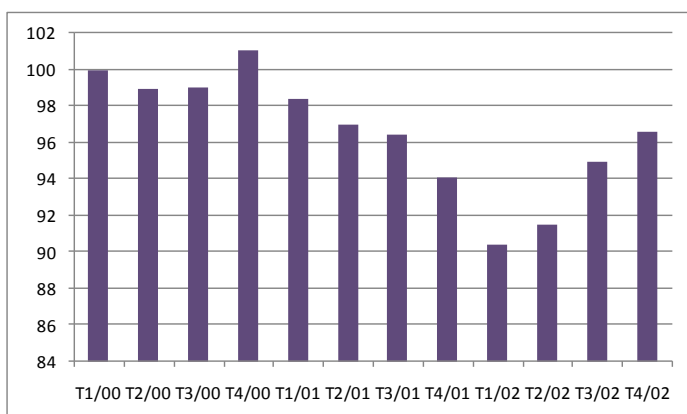


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Para analisar o crescimento econômico das regiões por subperíodos, apresenta-se na tabela abaixo a série encadeada do volume do PIB⁴ de cada região e também o dado agregado em nível nacional, com base no ano 2000. Nessa tabela nota-se que as regiões Centro-Oeste e Norte foram as que mais cresceram, superando, nos dois anos, as demais regiões.

Tabela 1: Série encadeada do volume do PIB regional de 2000 a 2002

	2000	2001	2002
Brasil	100,0	101,3	104,0
Norte	100,0	103,4	108,7
Nordeste	100,0	100,8	103,7
Sudeste	100,0	100,4	102,7
Sul	100,0	102,9	104,9
Centro-Oeste	100,0	104,2	109,4

Tabela: elaboração própria, dados IBGE

- **Apresentação e análise do subperíodo: 2003 a 2011**

⁴ O IBGE disponibiliza essa série com diferentes anos-base, a partir dos quais são elaborados os índices de variação do volume do PIB para cada ano. Assim, determinado volume de PIB (do ano base) é dito ser igual a cem e os demais passam a expressar a variação percentual. Neste trabalho a base foi padronizada para o ano 2000, através de cálculos simples de conversão.

Nesse subperíodo todas as regiões apresentaram crescimento no índice de participação dos produtos básicos na pauta exportadora. A região Centro-Oeste continuou apresentando o maior percentual (83% em média no período), porém destaca-se a evolução dessa participação na região Norte, cuja participação passou de 34% no ano 2000 para 76% em 2011. Já as outras regiões registraram o seguinte crescimento: em 2000 a região Sul apresentava uma participação de básicos no total exportado de 30%, passando para 47% em 2011, a região Sudeste tinha uma participação de básicos de 16%, passando para 43% e a região Nordeste apresentava uma participação de 18%, passando para 27% de básicos sobre exportação total no mesmo período.

Quanto à participação das manufaturas na exportação, há um movimento em sentido oposto, todas as regiões registraram redução no índice: do ano 2000 para 2011 a região Sudeste teve a maior queda, passando de 67% para 41%, já a região Norte passou de 34% para apenas 13% no mesmo período, a região Sul foi de uma participação de 59% para 43% e as regiões Centro-Oeste e Nordeste registraram menores perdas, de apenas 3 pontos percentuais cada, iniciando em 7% e 44% respectivamente. Esses dados são apresentados nos gráficos abaixo.

Gráfico 08 :Participação dos bens básicos nas exportações totais de 2003 a 2011

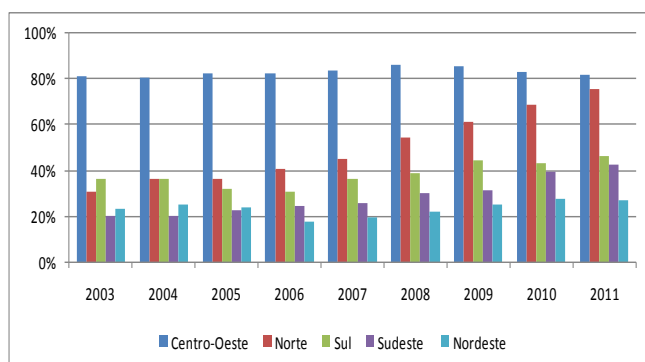


Gráfico: Elaboração própria, dados MDIC

Gráfico 09: Participação dos bens manufaturados nas exportações totais de 2003 a 2011

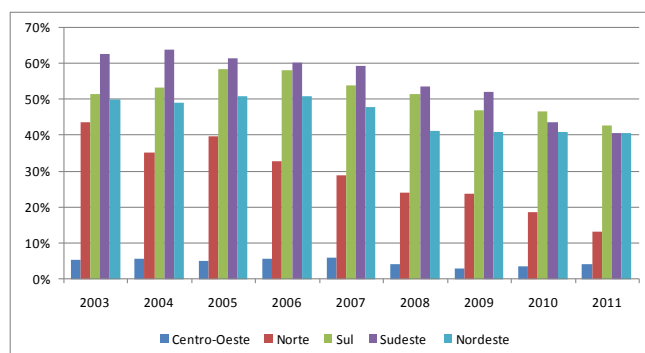
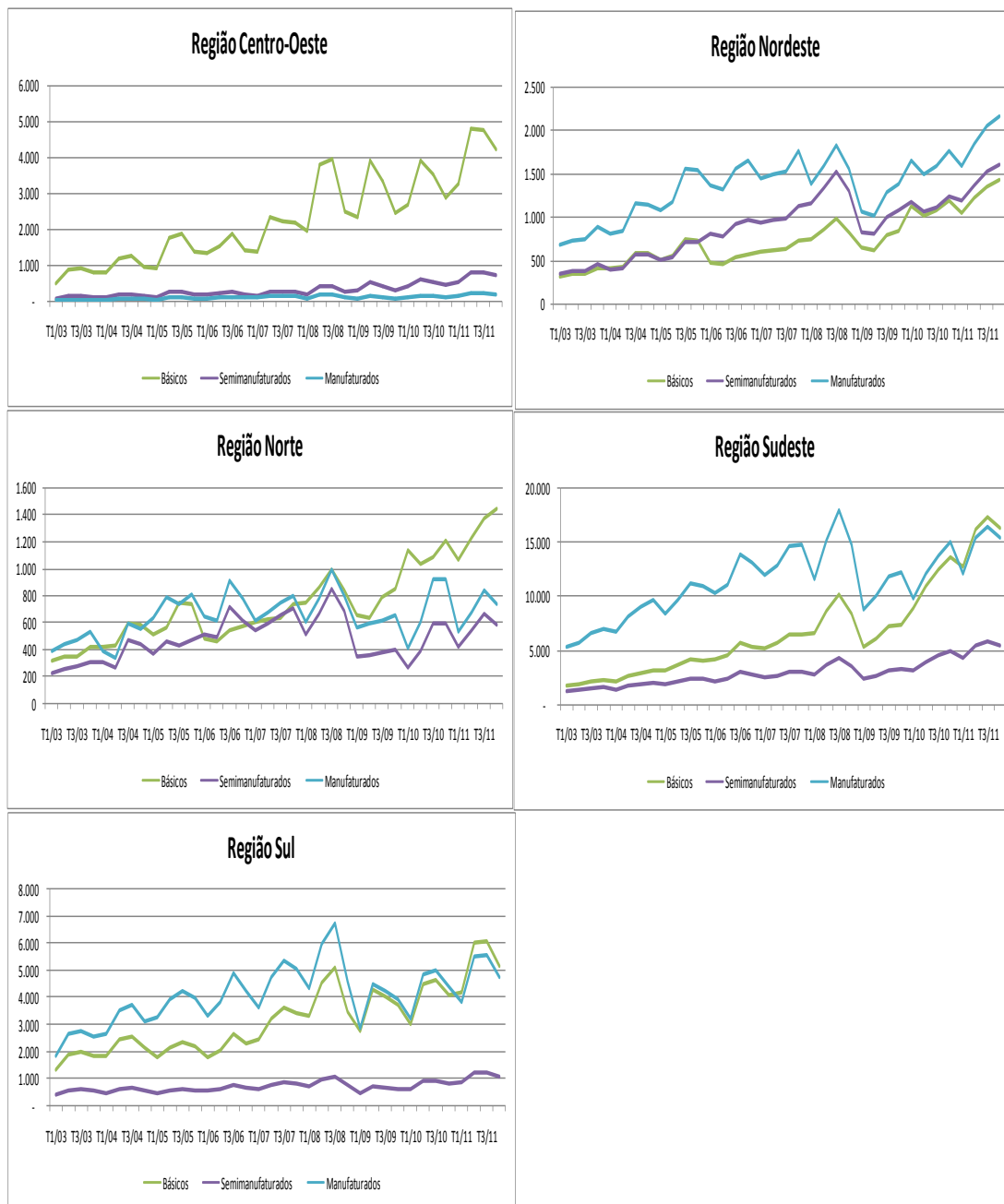


Gráfico: Elaboração própria, dados MDIC

O quadro 5 a seguir, sintetiza as informações sobre a evolução das exportações das cinco regiões no período (valores em milhões de dólares). Observa-se como o valor de bens básicos exportados desponta nas regiões Centro-Oeste e Norte. Nesta região, a participação de básicos passa a superar a dos outros dois fatores agregados em 2008. O primeiro trimestre de

2009 apresenta brusca queda nas exportações, para todas as regiões, como já é esperado devido à crise econômica internacional.

Quadro 5: Evolução da pauta exportadora por fator agregado, período 2003 a 2011 (valores em US\$ Milhões)



Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

Nesse período houve o chamado *boom* dos preços das commodities no mercado internacional. Tal valorização se reflete no gráfico abaixo, que mostra o índice de preços da

exportação de produtos básicos brasileiros. Durante todo o período o índice esteve em ascensão, em contraste com o período anterior de queda. Ainda considerando o primeiro trimestre de 2000 como referência, nota-se que a partir de 2004 os preços mantiveram-se sempre acima da base 100, chegando ao final do período a atingir uma valorização de 223%.

Gráfico 10: Índice de preços dos produtos básicos exportados, período 2003 a 2011

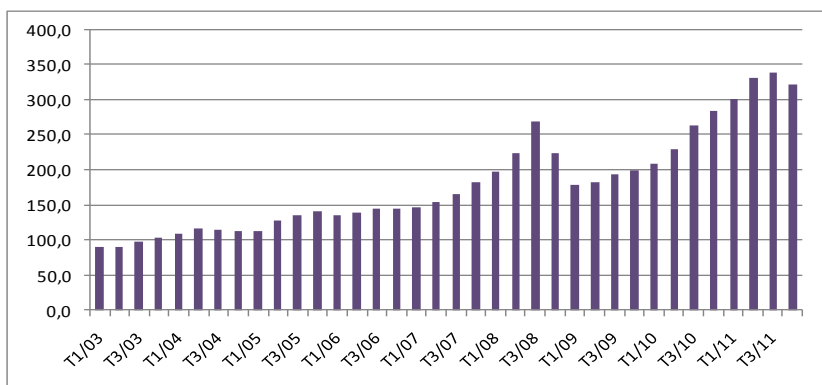


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Apesar de também terem se valorizado, os preços dos produtos semimanufaturados e manufaturados não apresentaram variação tão expressiva quanto os básicos, como pode ser observado nos gráficos a seguir.

Gráfico 11: Índice de preços dos produtos manufaturados exportados, período 2003 a 2011

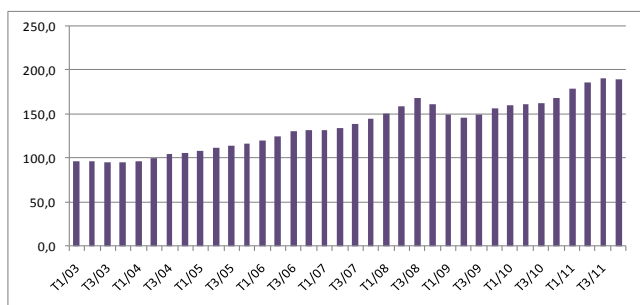


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Gráfico 12: Índice de preços dos produtos semimanufaturados exportados, período 2003 a 2011

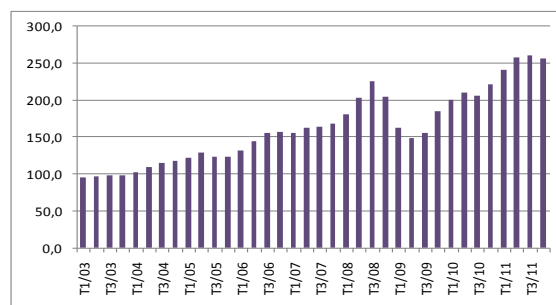


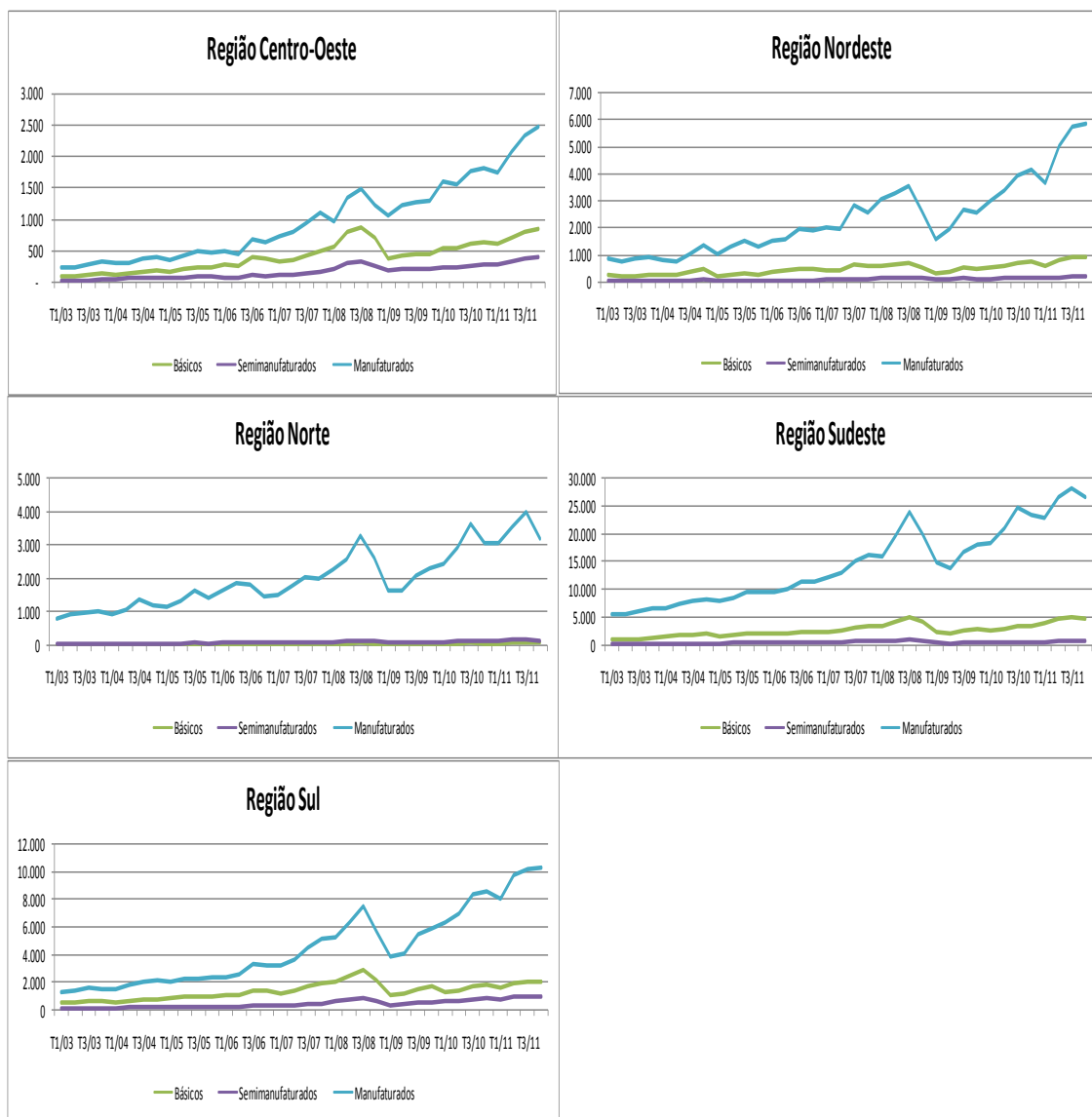
Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Os dados de importação são apresentados no quadro a seguir. É notável que a importação de manufaturados continua sendo fortemente predominante em todas as regiões. A região Norte é aquela que apresenta maior participação de importação de manufaturados em sua pauta importadora, representando 95%, em média, de todo o valor importado no

subperíodo. A região Sul foi a que teve maior variação da participação de manufaturados na importação, com elevação de 10 pontos percentuais entre 2003 e 2011, seguida da região Nordeste, com variação de 7 pontos percentuais. As demais regiões mantiveram o índice aproximadamente constante.

É possível notar o impacto da crise econômica internacional, que provocou redução da demanda agregada em geral e, conseqüentemente, forte queda das importações no começo de 2009, com posterior recuperação e elevação do valor importado de manufaturados.

Quadro 6: Evolução da pauta importadora regional por fator agregado, período 2003 a 2011 (valores em US\$ Milhões)



Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

O índice de preços dos produtos importados também esteve em alta, mas chegou a atingir no máximo 83,7% de valorização, no terceiro trimestre de 2008. Essa menor alta nos

preços dos importados reflete o fato de que os produtos manufaturados (mais importados pelo Brasil) tiveram uma elevação de preços menor que os produtos básicos.

Gráfico 13: Índice de preços dos produtos importados, período 2003 a 2011

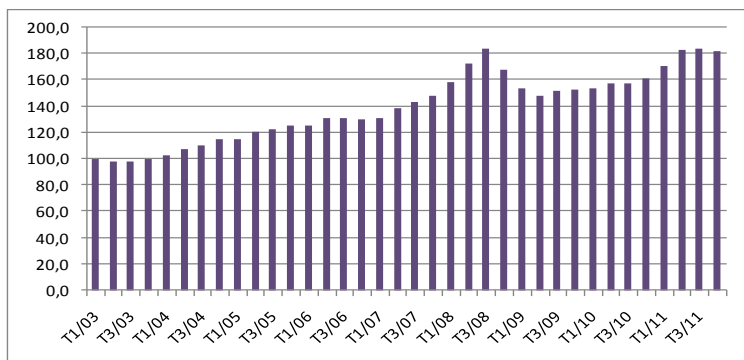


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Em termos de crescimento regional, analisando a série encadeada do volume do PIB, ainda tendo como base o ano 2000, as regiões Centro-Oeste e Norte se distanciaram ainda mais do valor do crescimento agregado nacional, despontando com as duas regiões mais dinâmicas do país no subperíodo de análise. Essas duas regiões apresentaram, em todos os anos, crescimento consideravelmente acima do agregado nacional e das demais regiões, sendo essa diferença ainda maior do que a apresentada no período anteriormente considerado (2000 a 2002).

Tabela 2: Série encadeada do volume do PIB regional de 2003 a 2011

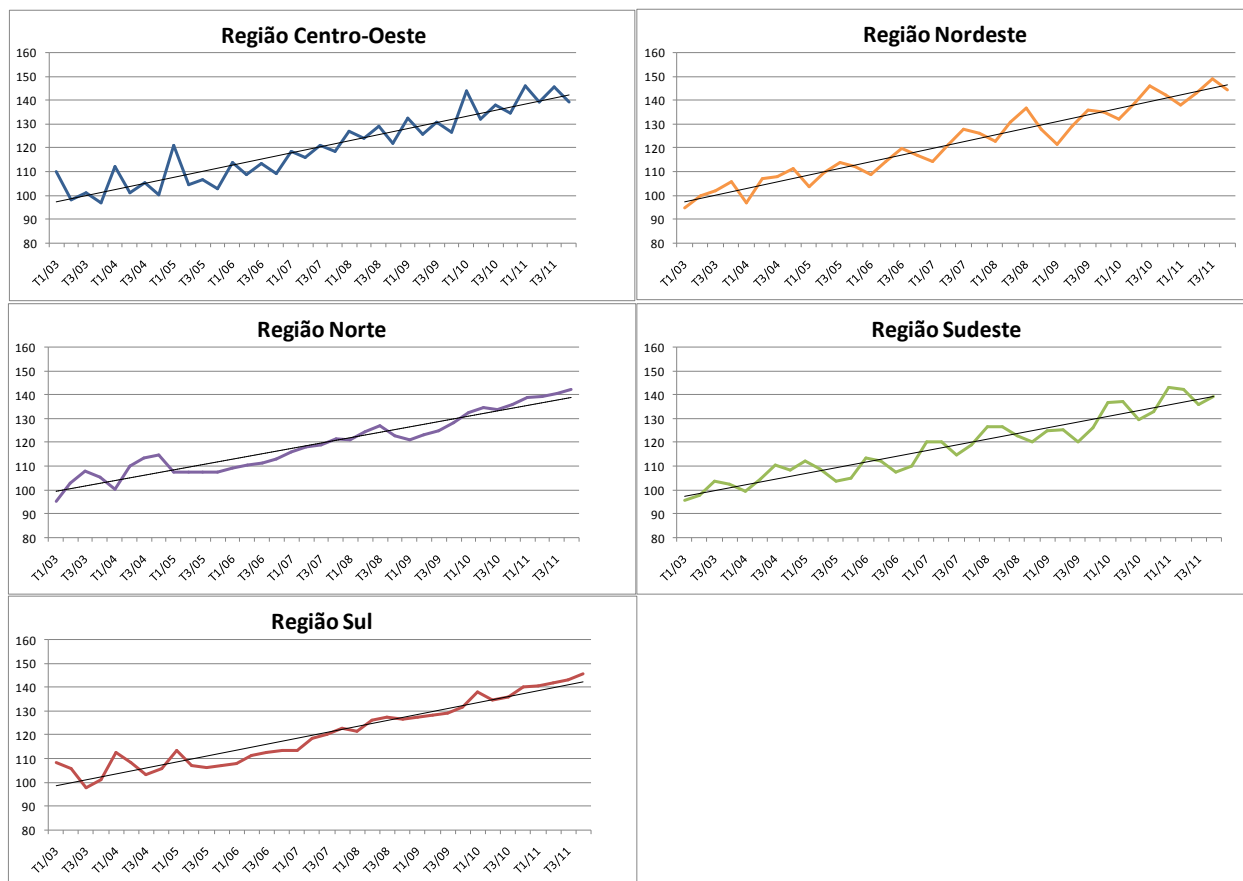
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Brasil	105,2	111,2	114,7	119,3	126,5	133,1	132,6	142,6	148,2
Norte	115,2	125,0	133,4	139,7	145,0	152,0	151,5	166,5	177,5
Nordeste	105,7	112,5	117,7	123,3	129,2	136,4	137,7	147,6	153,6
Sudeste	102,5	108,1	111,9	116,5	123,9	130,7	129,4	139,3	144,0
Sul	107,5	112,7	111,8	115,4	122,9	127,0	126,2	135,8	141,5
Centro-Oeste	113,2	120,3	126,0	129,5	138,4	146,7	150,4	159,7	167,2

Tabela: elaboração própria, dados IBGE

É apresentado no quadro abaixo o Índice de Atividade Econômica Regional, mensalmente sintetizado pelo Banco Central do Brasil como *proxy* da evolução da atividade

produtiva. Os dados mensais foram agregados trimestralmente, através de média aritmética. Aqui é possível observar a tendência de crescimento em todas as regiões do Brasil no período.

Quadro 7: Índice de Atividade Econômica Regional, período 2003 a 2011

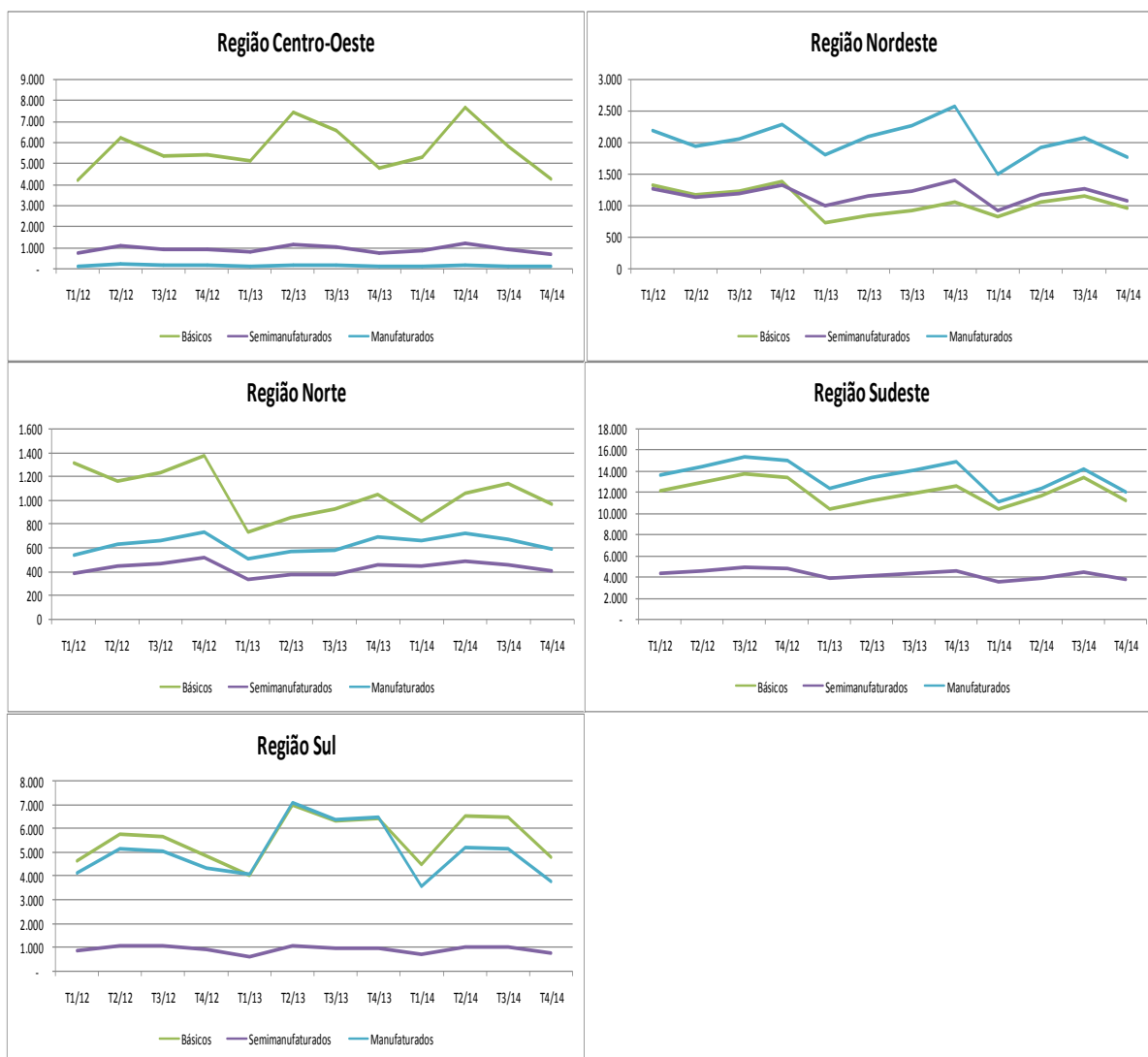


Gráficos: Elaboração própria, dados BCB

- **Apresentação e análise do subperíodo: 2012 a 2014**

A seguir serão apresentados os gráficos que sintetizam a evolução das exportações de cada região desde 2012 até 2014, os valores são em milhões de dólares. Nesse período a especialização na exportação em produtos básicos se reforçou na região Sul, que passou a ter também, além das regiões Centro-Oeste e Norte, o valor deste fator agregado como maior parte do valor de sua pauta exportadora.

Quadro 8: Evolução da pauta exportadora por fator agregado, período 2012 a 2014 (valores em US\$ Milhões)



Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

A participação de produtos básicos na exportação total da região Sul foi, em 2014, 51%. Isso representa 21 pontos percentuais acima do dado no ano 2000. As duas regiões que já tinham esta participação elevada mantiveram a liderança, com maior destaque para a região Centro-Oeste. No primeiro trimestre de 2014 todas as regiões registraram queda em suas exportações.

A participação dos manufaturados no total exportado seguiu a tendência de queda em quase todas as regiões, com exceção da região Nordeste, que se manteve estável, com uma média de 47% da pauta no período. A região Norte foi a que reduziu mais seu índice, cuja média foi de 29% nos anos 2003 a 2011 para 14% nos anos 2012 a 2014. Em seguida a região

Sudeste, que passou de 55% para 44% em média nos mesmos períodos e a região Sul que passou de 52% para 43%.A região Centro-Oeste teve modesta variação, perdendo apenas 2 pontos percentuais, registrando média de 2% no período 2012 a 2014.

Gráfico 14 :Participação dos bens básicos nas exportações totais de 2012 a 2014

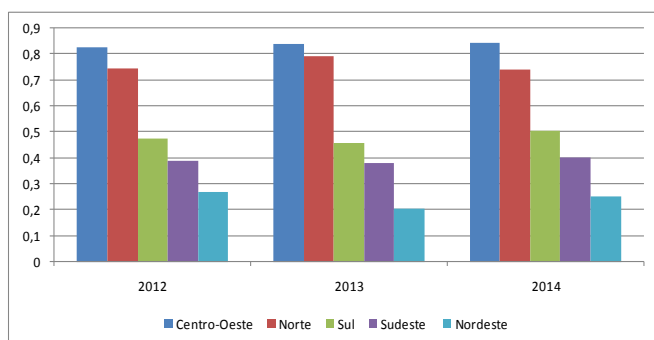


Gráfico: Elaboração própria, dados MDIC

Gráfico 15:Participação dos bens manufaturados nas exportações totais de 2012 a 2014

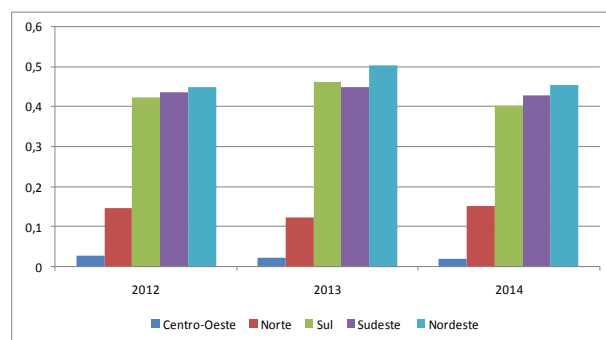


Gráfico: Elaboração própria, dados MDIC

A partir de 2012 os preços dos bens básicos exportados deixaram de crescer e começaram a apresentar tendência de queda, refletindo o fim do *boom* ocorrido no período anterior. Os gráficos apresentam os índices de preços dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados exportados, com base no ano 2000.

Chama a atenção o patamar de preços dos produtos básicos, que inicia o período no valor de 294, o que significa que os preços destes produtos estavam 194% acima do seu valor em 2000. Do último trimestre de 2011 para o último trimestre de 2014, o índice de preços dos produtos básicos caiu 82 pontos, passando de 323 para 241. Apesar de o gráfico indicar uma aparente queda mais forte no preço dos produtos manufaturados, é importante notar que estes se encontravam menos sobrevalorizados, estando 88% acima dos preços no ano 2000. A queda no índice entre o último trimestre de 2011 para o último trimestre de 2014 nos produtos manufaturados foi de 14 pontos, bastante inferior, portanto, ao anteriormente visto nos básicos.

Gráfico 16: Índice de preços dos produtos básicos exportados, período 2012 a 2014

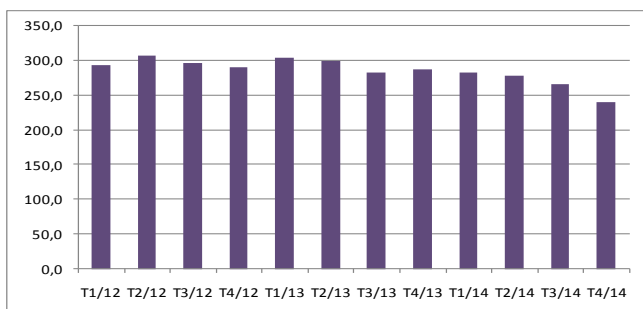


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Gráfico 17: Índice de preços dos produtos manufaturados exportados, período 2012 a 2014

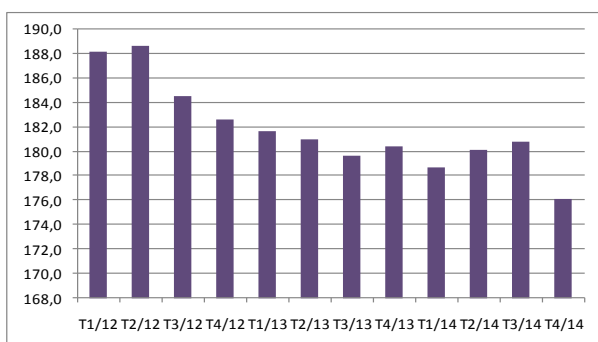


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Gráfico 18: Índice de preços dos produtos semimanufaturados exportados, período 2012 a 2014

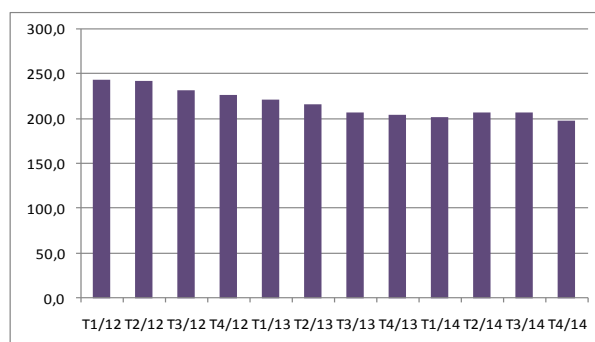
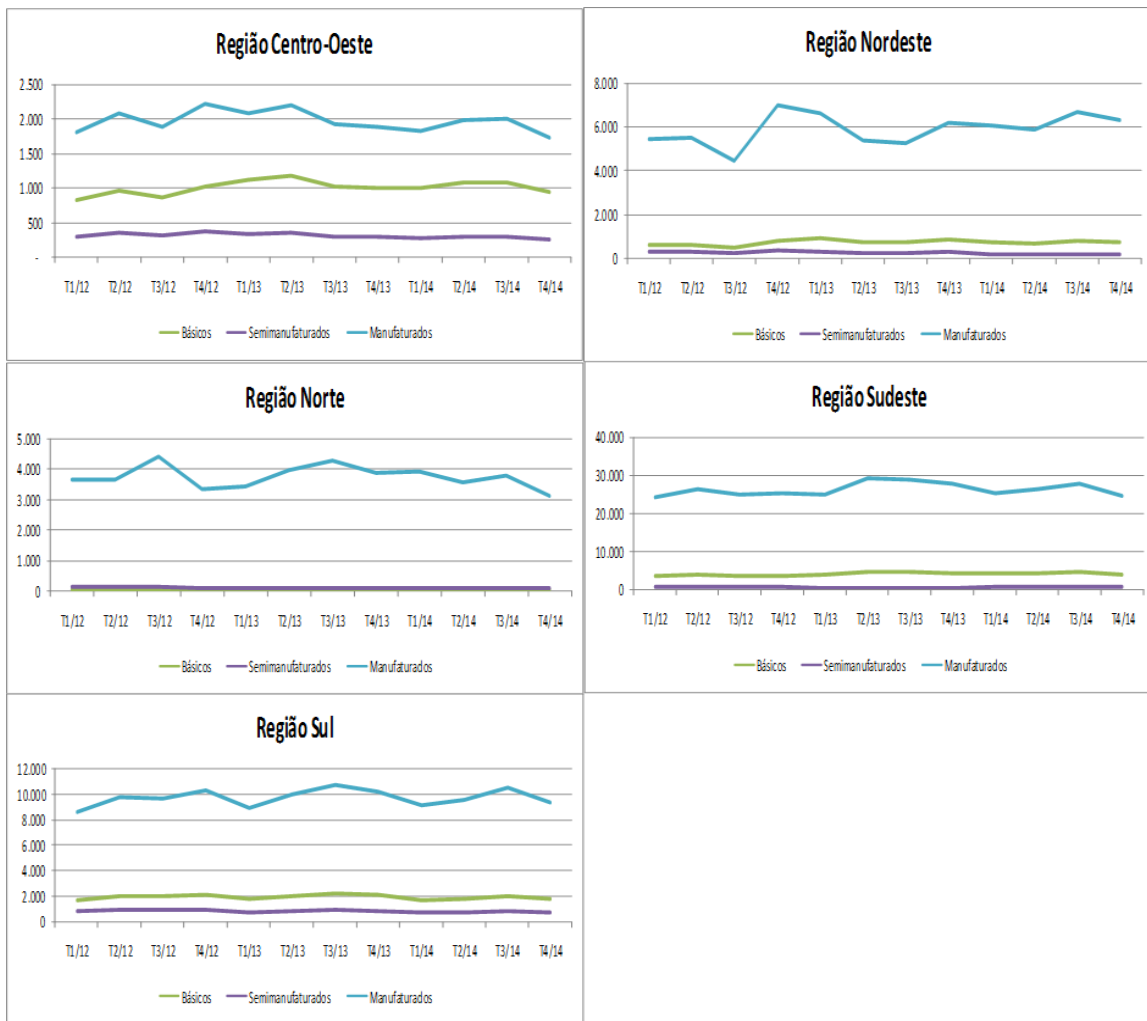


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

Analisando as importações no quadro abaixo, permanece alta a participação de produtos de alta elasticidade-renda, produtos manufaturados, em todas as regiões. No período houve estabilidade de participação e de valores importados de maneira geral. O que permite deduzir que, com o índice de preços de manufaturados em queda e estabilidade do total de importação de manufaturas, o quantum cresceu no período para todas as regiões.

Quadro 9: Evolução da pauta importadora por fator agregado, período 2012 a 2014 (valores em US\$ Milhões)



Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

O índice de preços da importação, representado no gráfico a seguir, esteve em queda no período, caindo 11,3 pontos percentuais entre o primeiro trimestre de 2012 e o quatro trimestre de 2014.

Gráfico19: Índice de preços dos produtos importados, período 2012 a 2014

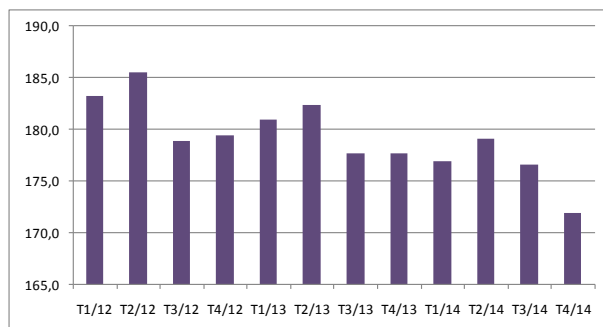


Gráfico: Elaboração própria, dados FUNCEX

A série encadeada do volume do PIB regional, base em 2000, mostra, além do maior crescimento das regiões Norte e Centro-Oeste já registradas nos períodos anteriores, a tendência mais forte de crescimento da região Sul, que passou a experimentar maior participação de bens básicos na pauta exportadora.

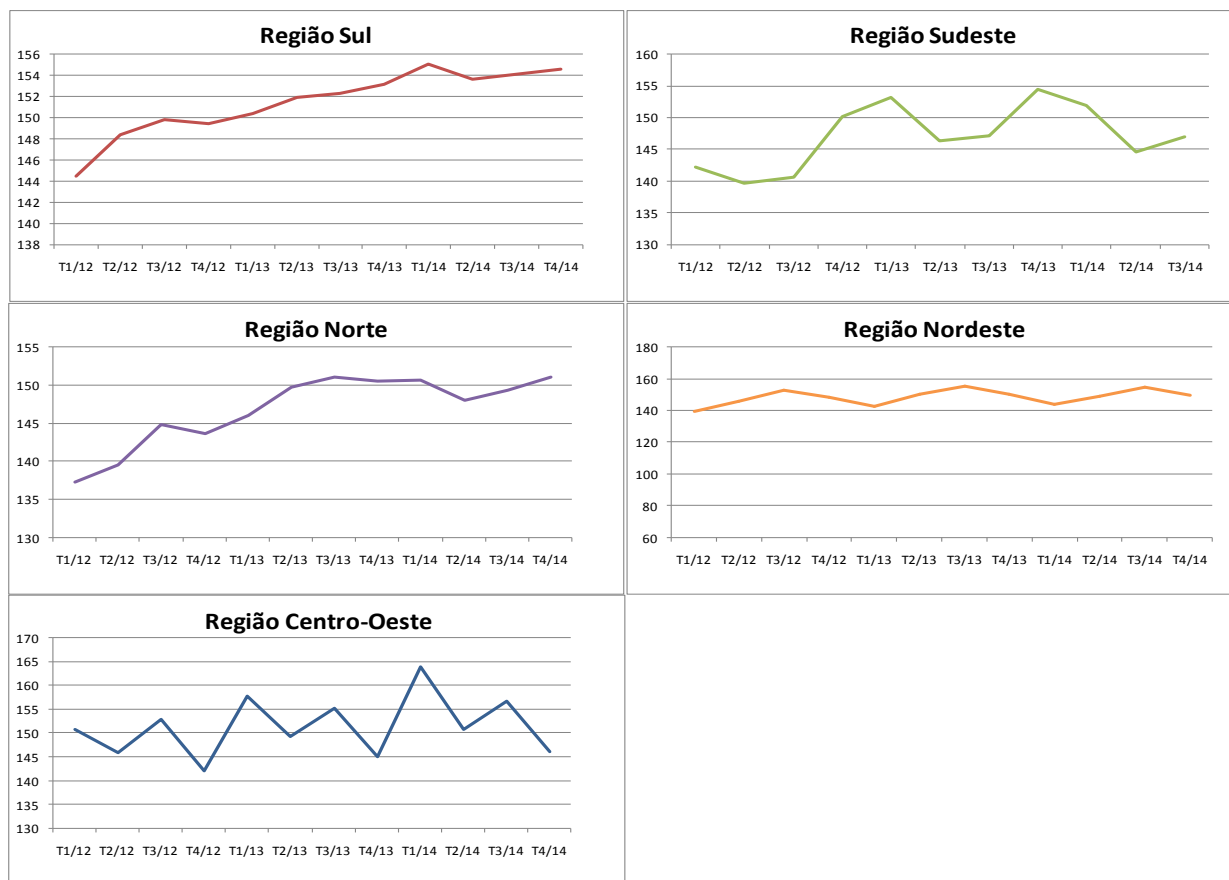
Tabela 3: Série encadeada do volume do PIB regional de 2012 a 2014

	2012	2013	2014
Brasil	151,0	155,6	156,5
Norte	183,6	189,1	194,0
Nordeste	158,0	162,7	167,7
Sudeste	146,6	149,5	148,9
Sul	140,9	149,5	149,6
Centro-Oeste	174,7	181,5	185,8

Tabela: elaboração própria, dados IBGE

Essa tendência de crescimento mais acelerado na região Sul nesse último período pode ser também observada nos gráficos abaixo, que comparam os Índices de Atividade Econômica em cada região por trimestre, de 2012 a 2014. Observa-se que a todas as demais regiões apresentaram relativa estabilidade, especialmente quando comparado ao vertiginoso crescimento visto nos anos anteriores.

Quadro 10: Índice de Atividade Econômica Regional de 2012 a 2014



Gráficos: Elaboração própria, dados BCB

CAPÍTULO III

Nos anos 2000 pode-se observar que a economia brasileira se beneficiou com o extraordinário crescimento do comércio internacional com a consequente elevação dos preços das *commodities* que tiveram impacto positivo na economia brasileira em geral, particularmente nas regiões com maior peso de *commodities* na pauta exportadora, o que se materializou em aumento das exportações, importante componente autônomo da demanda agregada. Por outro lado, além de uma especialização da pauta exportadora em direção dos produtos básicos, verificou-se também que no mesmo período houve uma maior especialização da pauta importadora em direção a produtos manufaturados, caracterizando, conjuntamente, uma especialização produtiva ‘regressiva’ da balança comercial. Com superávit em setores básicos como as *commodities* primárias e em setores intensivos em recursos naturais (Milani, 2011).

Pode-se observar que as regiões que experimentaram maior participação dos produtos básicos nos saldos exportáveis por região, particularmente as regiões Centro-Oeste e Norte (e a região Sul no último subperíodo, 2012-2014) foram as que tiveram maior dinamismo expressos em maiores taxas de crescimento no período analisado. É importante ressaltar que ao longo de todo o período estudado, a participação média das exportações sobre o PIB dessas regiões é de 9,1% e 14,6%, respectivamente. Dessa forma, apesar de haver indícios de uma relação entre a composição da pauta exportadora e o crescimento regional, há de se considerar que esse peso das pautas de comércio internacional sobre o PIB tem uma influência limitada. A seguir são apresentadas as tabelas com os dados de valores exportados e importados sobre o PIB regional para o subperíodo do *boom* de preços dos bens básicos.

Tabela 4: Participação do valor das exportações no PIB regional, 2003 a 2011

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Norte	16%	16%	17%	16%	14%	15%	12%	13%	14%
Nordeste	9%	10%	9%	8%	7%	7%	5%	5%	5%
Sudeste	13%	14%	13%	13%	12%	12%	9%	9%	10%
Sul	19%	21%	18%	16%	15%	15%	12%	11%	11%
Centro-Oeste	8%	9%	9%	8%	8%	9%	9%	8%	9%

Tabela: elaboração própria, dados MDIC, IBGE e Banco Central

Tabela 5: Participação do valor das importações no PIB regional, 2003 a 2011

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Norte	14%	14%	13%	13%	11%	13%	10%	11%	10%
Nordeste	6%	7%	5%	6%	7%	7%	5%	6%	7%
Sudeste	10%	11%	9%	9%	9%	11%	8%	8%	9%
Sul	9%	9%	9%	10%	11%	14%	10%	11%	12%
Centro-Oeste	3%	4%	4%	4%	5%	6%	5%	5%	5%

Tabela: elaboração própria, dados MDIC, IBGE e Banco Central

A relação de maior crescimento regional nas regiões mais especializadas em básicos poderia nos levar a concluir que a especialização produtiva se manifestaria de forma positiva em maiores taxas de crescimento para as regiões e para a economia como um todo. No entanto, a bonançado comércio internacional nos anos 2000 não deveriaser vista como um ‘novo normal’ do sistema capitalista. Sabe-se que o sistema experimenta ciclos de *boom* e de retração e a especialização produtiva torna a economia mais ou menos exposta aos ciclos internacionais. Na abordagem do crescimento liderado pela demanda, as taxas de crescimento divergem ao longo do tempo, especialmente em decorrência de diferentes restrições externas que limitam o crescimento da demanda. As economias abertas sem moeda conversível estão especialmente suscetíveis à escassez de divisas, intimamente relacionada com o tipo de especialização produtiva. Mas não somente, sabe-se também que, de acordo com a CEPAL, a exposição e a capacidade de resistência a ciclos internacionais dependem também do tipo de especialização produtiva experimentado.

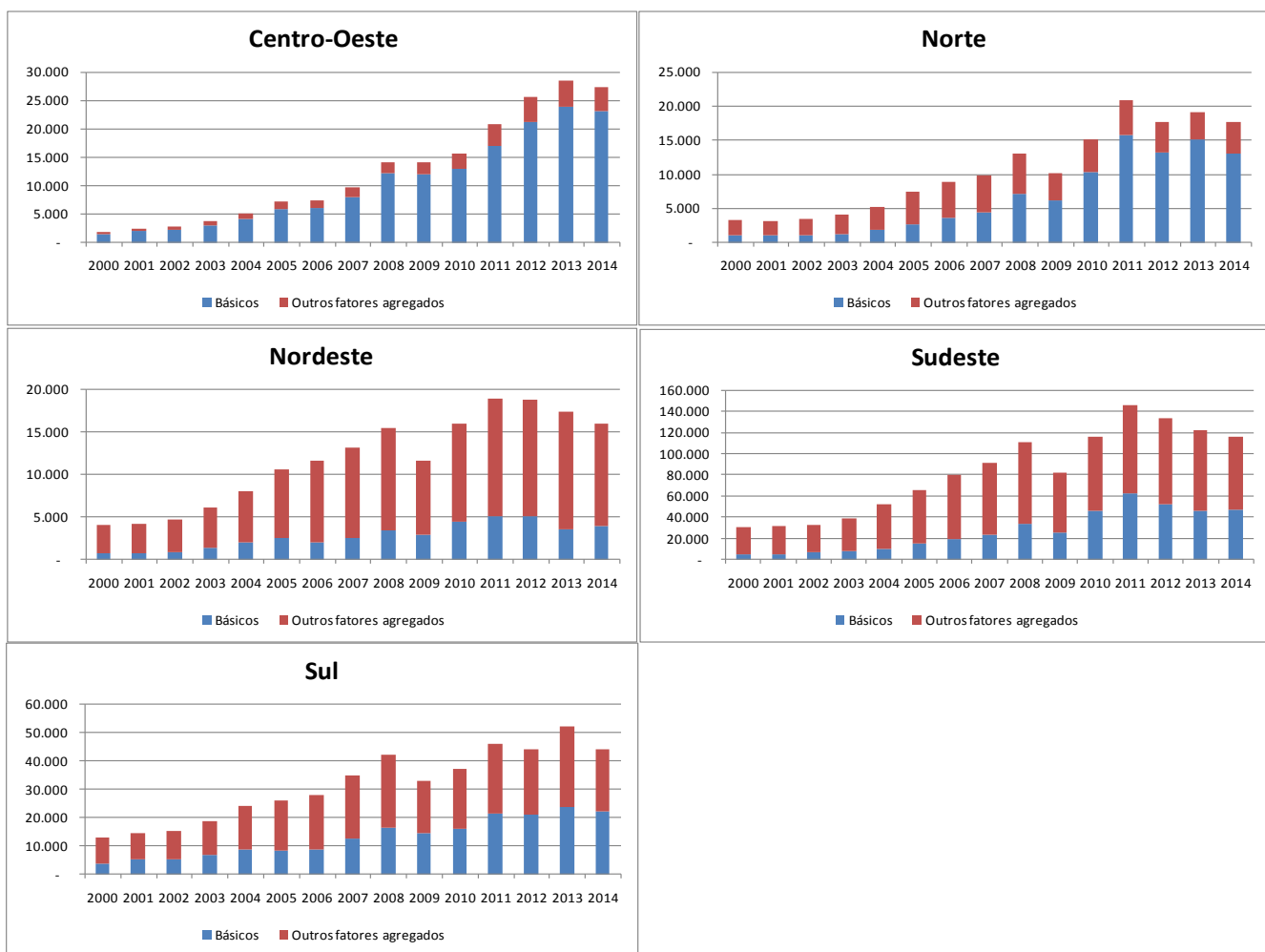
O padrão de inserção internacional do Brasil nos anos 2000 parece caminhar para um modelo caracterizado por concentração de exportações em commodities primárias e bens de baixo valor agregado com aumento da exposição às condições internacionais. Tal fragilidade relaciona-se com a vulnerabilidade das flutuações dos preços internacionais e o baixo valor agregado que esses produtos apresentam, com pouco efeito dinâmico em termos de geração de renda e emprego, exceto nas fases cíclicas de crescimento internacionais (Prebisch, 2000).

O objetivo deste capítulo, dada a base teórica e os dados já apresentados, é fazer uma discussão teórica não exaustiva da validade (ou não) da hipótese de que no período de grande alta dos preços das *commodities* (2003 a 2011) as regiões que tinham maior participação na exportação de básicos se beneficiaram desse processo, crescendo mais que as outras regiões brasileiras.

A partir do amplo processo de abertura externa, comercial e financeira, ocorrido no Brasil a partir dos anos 1990, a discussão sobre crescimento econômico do país passou a estar fortemente ligada à análise de sua estrutura produtiva. Desde os anos 1940, a CEPAL já apontava que a reprimarização da pauta exportadora, como a observada no Brasil no período recente, levaria à deterioração dos termos de troca e à piora nas condições do balanço de pagamentos, além de ressaltar que a especialização produtiva aumenta a exposição aos ciclos internacionais. Isso ocorre porque, nesse cenário, os produtos exportados possuem baixo valor agregado e baixa elasticidade-renda, enquanto os importados possuem alto valor agregado e alta elasticidade-renda. No longo prazo, a capacidade de exportação é um fator limitante à capacidade de importar, pois é a partir da exportação que se obtém as divisas necessárias para obter produtos importados. Claro é que o déficit em balanço de pagamentos pode ser financiado através de fluxos de capitais, mas o acúmulo de passivo externo gera inquietações dos agentes, de modo que as exportações são a fonte sustentável para financiar as importações a longo prazo (Busato, 2011).

A evolução da participação dos produtos básicos na pauta exportadora brasileira é observada no gráfico abaixo, que mostra a proporção da exportação de produtos básicos em relação aos outros dois fatores agregados (manufaturados e semimanufaturados), os valores estão em milhões de dólares.

Quadro 11: Evolução da participação dos produtos básicos na pauta exportadora regional (valores em US\$ Milhões)



Gráficos: Elaboração própria, dados MDIC

O gráfico que segue ajuda a melhor visualizar a participação percentual dos produtos básicos nas exportações regionais nos anos 2000, 2011 e 2014. Observa-se que as cinco regiões do país elevaram o valor das exportações de básicos em relação à exportação dos outros dois fatores agregados, com destaque para a região Norte, que registrou a maior elevação dessa taxa, ou seja, foi a região com mais intensa reprimarização da pauta exportadora.

Gráfico 20: Participação percentual de produtos básicos na pauta exportadora

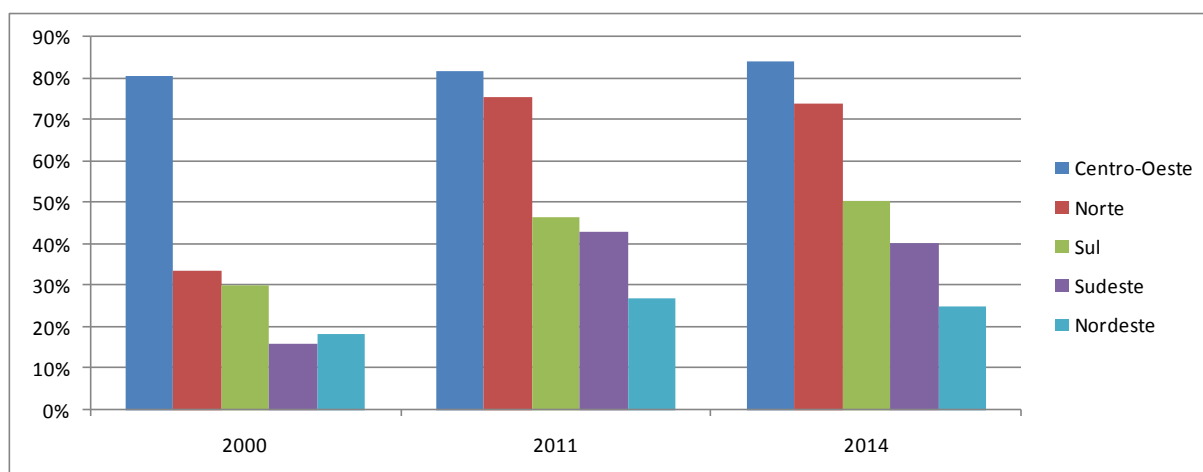


Gráfico: Elaboração própria, dados MDIC

No primeiro período observado nos dados do capítulo anterior, 2000 a 2002, observou-se uma tendência de elevação no valor exportado em todas as regiões, em oposição a uma queda nos preços desses produtos (os três fatores agregados apresentavam queda de preços). Daí se conclui que havia elevação da quantidade exportada, já que a tendência de preços apontava para uma redução no valor exportado (valor exportado é quantidade vezes preço, se o preço tende para baixo e o valor tende para cima, conclui-se que a quantidade exportada tinha uma mais forte tendência de alta). Nesse período já se observava um crescimento econômico maior nas regiões Norte e Centro-Oeste, as regiões mais intensas nas exportações de bens básicos, o fator agregado no qual o Brasil é especializado. Esse período parece ser o início do ciclo internacional das commodities e há um efeito quantum inicial que logo se materializará no *boom* dos preços. Como o subperíodo é muito curto não é seguro tirar conclusões precisas.

O índice de preços das importações, apesar de também apresentar tendência de queda, não caiu tanto quanto o preço das exportações, especialmente as exportações de básicos. Logo, houve neste período a piora dos termos de troca para o Brasil. Considerando que todas as regiões do país são fortemente especializadas na importação de produtos manufaturados, como fica claro nos gráficos de pauta importadora já expostos.

No segundo período analisado, o de alta dos preços das commodities no mercado internacional, as regiões especializadas na produção de básicos experimentaram um crescimento ainda mais distantes das demais regiões, evidenciando um efeito positivo da valorização da pauta exportadora sobre o crescimento econômico. Ou seja, o crescimento das regiões Norte e Centro-Oeste tiveram taxas ainda mais díspares em relação às demais regiões

após 2003. Nas tabelas de séries encadeadas do volume do PIB observa-se que no segundo período analisado as regiões Centro-Oeste e Norte acumularam, respectivamente, 54 e 62,3 pontos no índice de evolução do PIB, enquanto o Nordeste foi a terceira região que mais cresceu, acumulando 48 pontos, seguida da região Sudeste com 41,5 pontos e região Sul com 34 pontos. Nota-se que entre o maior índice de crescimento e o menor há uma diferença de 28,2 pontos. No subperíodo anterior (2000 a 2002) essa diferença foi de 6,7 pontos, sendo a região Centro-Oeste a com maior crescimento (9,4 pontos) e a região Sudeste a com menor crescimento (2,7 pontos). A região Norte registrou 8,7 pontos de crescimento no índice de volume do PIB entre 2000 e 2002.

Já que a disparidade entre os valores de mercadorias básicas e manufaturadas se reduziu neste período, houve expressiva melhora nos termos de troca para o Brasil, que é um exportador de produtos básicos e importador de manufaturados, especialmente refletida nas regiões com maior participação de produtos básicos.

Defende-se aqui que esse efeito foi positivo, porém, temporário e reflete uma situação atípica de valorização de mercadorias básicas, muito acima da valorização de mercadorias industrializadas. A Cepal já havia ressaltado que países especializados em produtos básicos têm seu ciclo mais dependente do ciclo internacional. E esses efeitos da valorização dos preços das commodities e seu efeito sobre o crescimento regional brasileiro, reforça a tese da Cepal. A longo prazo, os termos de troca tendem a voltar ao seu patamar normal⁵, retornando para a situação de desvantagem para aqueles que se especializam em produtos de baixa elasticidade-renda. O tipo de inserção externa que o país (ou região) experimenta é muito definitivo se será capaz de experimentar uma dinâmica mais autônoma ou se terá sua dinâmica mais fortemente determinada pelos ciclos internacionais. A industrialização com transbordamento tecnológico é um caminho para maior autonomia e para uma inserção mais autônoma, pois assim é possível manter seus termos de troca mais valorizados, sem depender da importação de produtos com alta elasticidade-renda. Na contramão dessa situação ideal, todas as regiões do Brasil mantiveram ao longo do período alta participação de manufaturados em suas importações. Essa taxa se manteve ao longo de todos os anos razoavelmente estável em um patamar bastante elevado, sendo a região Norte a que registrou a maior participação, sempre acima de 90%. A região Centro-Oeste foi a que apresentou menor taxa em todo o período, com média de 64% entre 2000 e 2014.

⁵ Claro que essa é uma hipótese baseada na ideia de que a inovação tecnológica tende a melhorar produtividade e a pressão sobre preço de commodities se desfaz de tempos em tempos.

Após o fim do período de *boom* no preço dos produtos básicos no mercado internacional, observa-se uma tendência de redução no ritmo de crescimento das regiões do Brasil, à exceção da região Sul, que apresentou um ritmo de crescimento mais acelerado em relação aos anos anteriores, em linha com o crescimento do valor de suas exportações de básicos. Esse movimento de queda no crescimento econômico, gerado pela queda dos preços dos produtos básicos no mercado, parece confirmar a tese da vulnerabilidade externa dos países subdesenvolvidos: o crescimento fica bastante condicionado ao cenário internacional e a economia do país está, portanto, muito sujeita aos ciclos internacionais. O país, como está refletido regionalmente, não possui um mecanismo de estabilidade própria, dependendo fortemente do cenário macroeconômico mundial.

Para além da dinâmica e da especialização da pauta exportadora, observou-se também um aumento das importações das manufaturas para o Brasil e para as diferentes regiões. Essa tendência conjunta poderá significar perda de dinamismo a longo prazo, pois, de um lado, nota-se especialização regional da pauta exportadora em direção commodities, por outro, uma especialização da pauta importadora em direção à manufaturados. Significando, conjuntamente, uma especialização produtiva da economia como um todo. Assim, a economia parece estar dinamizada por fatores externos que fazem com que a forma de inserção do Brasil na economia internacional tenha características de periférica, ou seja, exportadora de bens primários (Milani, 2011), o que levam conjuntamente, de acordo com a tese da Cepal apresentada no capítulo 1, à maior exposição da economia brasileira aos ciclos internacionais.

CONCLUSÃO

Neste trabalho buscou-se produzir um mapeamento da evolução das pautas de exportação e importação regionais brasileiras. Muitos trabalhos mostram a evolução agregada, mas poucos se dedicam a analisar como o processo se deu em nível mais desagregado. Além disso, buscou-se fazer uma análise descritiva entre especialização produtiva e estrutura do comércio internacional brasileiro, tendo em vista a importância que tal discussão tem para a compreensão do processo de crescimento econômico. Os dados históricos analisados por Thirlwall (2005) apontam para uma relação estável entre nível de renda per capita e nível de industrialização e, mais que isso, que a demanda por produtos industrializados estimula o crescimento da economia. As leis de Kaldor, já enunciadas no primeiro capítulo, destacam a grande importância do grau de industrialização da economia sobre seu dinamismo, uma vez que o setor industrial é o que apresenta maior produtividade, com ganhos de escala e a capacidade de elevar a produtividade dos demais setores. O setor manufatureiro é, portanto, o motor da economia. Tratando mais especificamente do caso brasileiro, o trabalho de Milani (2011) destaca que o a baixa intensidade tecnológica das exportações brasileiras foi um dos fatores responsáveis pelo baixo dinamismo da economia nas décadas de 1980 e 1990 e ainda ressalta a fragilidade estrutural apresentada pelo setor exportador intenso em produtos de baixo valor agregado.

A análise regional se torna, portanto, relevante para dar suporte a um estudo mais específico do processo de reprimarização da pauta exportadora e importadora nacional, a fim de identificar as regiões “líderes” dessa mudança. Assim, foi estudado regionalmente o processo de especialização da pauta exportadora em produtos básicos, bem como o de especialização da pauta importadora em manufaturados ao longo do tempo, desde 2000 até 2014. Ao analisar os efeitos que este processo, em conjunto, tem sobre o crescimento econômico, conclui-se que as regiões que apresentaram a reprimarização mais intensa foram as que mais cresceram e também as que mais se beneficiaram de um contexto internacional positivo entre os anos 2003 e 2011, evidenciando a dependência do ciclo internacional. Porém, tal processo não é visto como uma forma sustentável de crescimento. Essa conclusão está de acordo com a tese da vulnerabilidade externa estrutural, a qual estão sujeitas as economias especializadas na produção de bens de baixo valor agregado, cujo crescimento se torna dependente dos ciclos internacionais. Como apresentado por Milani (2011) a economia

brasileira acaba apresentando um ritmo de crescimento *stop and go* uma vez que não possui mecanismos próprios de crescimento sustentado.

Alguns teóricos argumentam que o processo de especialização econômica é natural e observado em diversas economias do mundo. Kupfer e Carvalho (2010) por outro lado apontam para a precocidade do processo de especialização brasileiro, que ocorreu a um nível de renda per capita inferior ao demais países observados. Dessa forma, um processo que a princípio se daria em países cujas vantagens comparativas se posicionam em setores mais tecnológicos, no Brasil acabou estimulando a produção de bens básicos, limitando o dinamismo da economia.

Portanto, para se afastar da dependência dos ciclos internacionais e experimentar períodos de crescimento continuado, o Brasil precisa frear o processo de especialização em produtos de baixo valor agregado, investindo na diversificação de sua pauta exportadora. É preciso explorar as vantagens que se possui em recursos naturais, sem abandonar os investimentos nos setores de alta tecnologia e industrial que são os motores da economia.

Referências Bibliográficas

- BIELSCHOWSKY, R. **Cinquenta anos de pensamento na Cepal: uma resenha** v. 1. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BUSATO, M. I. **Crescimento econômico e restrição externa: um modelo de simulação pós-keynesiano**. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da UFRJ. Rio de Janeiro, Dezembro, 2011.
- GONÇALVES, R. **Economia política internacional: Fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2005.
- KALECKI, M. [1954] **Teoria da dinâmica econômica**. São Paulo: Editora Abril, 1983.
- KEYNES, J. M. [1936] **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. Tradução de Mário R. da Cruz; revisão técnica de Cláudio R. Contador. São Paulo: Atlas, 1982.
- KUPFER, D; CARVALHO, L. **A transição da indústria brasileira: da diversificação para a especialização**. Disponível In: www.ie.ufrj.br/datacenterie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto3010.pdf
- MILANI, A. **Questões para se pensar o desenvolvimento no Brasil: especialização regressiva e pauta exportadora no período 2003-2010**. Ipea, 2011.
- OLIVEIRA, H; BUSATO, M.I; MACRINI, L. **Restrição externa, vulnerabilidade estrutural e conjuntural: Uma análise do período entre 1995 e 2014**. Encontro Associação Keynesiana Brasileira, 2017
- POSSAS, M. L. **Demanda efetiva, investimento e dinâmica: a atualidade de Kalecki para a teoria macroeconômica**. In: POMERANZ, L. et AL (Orgs.) **Dinâmica econômica do capitalismo contemporâneo**. EDUSP: São Paulo, 2001.
- PREBISCH, R. **Problemas teóricos e práticos do crescimento econômico**. In: BIELSCHOWSKY, R. **Cinquenta anos de pensamento na Cepal**, v. 1. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- THIRLWALL, A. P. **A natureza do crescimento econômico: um referencial alternativo para compreender o desempenho das nações**. Brasília: Ipea, 2005.